

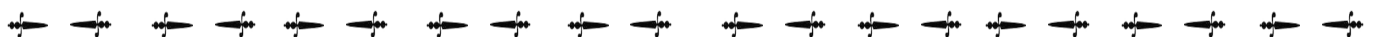
ELLORA'S CAVE **AEON**



SECRETS
of the *Wind*
CHARLOTTE
BOYETT-COMPO

SEGREDO DO VENTO

CHARLOTTE BOYETT-COMPO





Traduzido do inglês
Pesquisa: **Mell**
Revisão Inicial: **Nádia Lima e Clarice Moro**
Revisão final e formatação: **Clara**

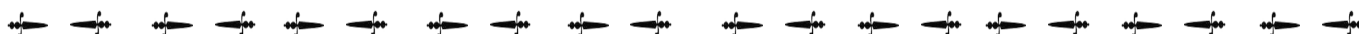
DESCRIÇÃO

O Príncipe Ruan está na mira de um assassino que não irá parar, enquanto não matá-lo. Ele precisa de proteção, embora ache que pode cuidar de si mesmo...

A Major Chastain Neff é uma arma letal. Como integrante da Elite de Guardiões Riezell, ela é uma especialista em todas as artes mortais, o que a torna uma excelente guarda-costas para os ricos e importantes. Quando é designada para proteger um homem que acredita que ela é a única que precisa de proteção, sabe que vai ter muito trabalho com Ruan Cosaint.

A Rainha Annalyn não é uma mulher de deixar as coisas ao acaso, especialmente quando a mensagem de um místico apontou para uma mulher guerreira, predestinada a tornar-se a companheira do Príncipe Ruan, a governante de seu coração, sua protetora e mãe de seus filhos.

Nota da Editora: *Lançado originalmente na antologia Mates Fated.*





CAPÍTULO UM

A major Chastain Neff estava cansada, faminta e coberta com uma espessa camada de lama. Estava agachada, ao lado de um corpo, assistindo seu colega médico residente do quarto ano, examiná-lo. A visão do corpo, onde uma vez houve um tórax, mais o cheiro de carne queimada da explosão, deixou-a enjoada.

— Ele é um Storian? - ela perguntou

— Bem, - o médico falou - eu não vejo nenhuma marca que mostre que ele é um Storian, mas até que seja examinado, não terei certeza.

— Claro que lutou como um demônio – Chastain falou, passando seu braço pelo queixo sujo, limpando o suor que escorria.

— Ele fede como um. – comentou o Coronel Brock, superior de Chastain.

— O que a vítima está fazendo? – perguntou Chastain, olhando para seus pés. O Coronel Brock olhou ao redor:

— Ainda vomitando – respondeu com um grunhido – Acho que ele não está acostumado a uma visão dessas.

— Isso é compreensível! – falou Chastain. - A propósito, o General gostaria de vê-la – Brock falou para Chastain. E Chas franziu o cenho.

— Não me diga que ele tem outra missão para mim?! Tão rápido! – disse ela, estremecendo ao ouvir o tom de reclamação em sua voz.

— Estamos em duas operações – Brock lembrou – Nós fazemos o que precisamos, Neff.

Suspirando pesadamente, Chas baixou a cabeça. Com as mãos nos quadris, ela balançou a cabeça:

— Eu preciso de uma licença, coronel. Preciso de um tempo!

— Todo mundo está sobrecarregado, Neff! – Brock repreendeu-a – Tenho certeza que o general vai lhe dar um tempo extra após esta missão.

Sabendo que não seria bom discutir, Chastain ergueu a cabeça. Ela olhou para a vítima por um longo momento, então caminhou até onde ele estava sentado:





— Podemos fazer mais alguma coisa pelo senhor, vereador Jost? - O vereador Jost puxou o cobertor de lã grossa sobre os ombros e apertou; mal conseguindo falar, pois seus dentes não paravam de bater:

— N... não... Eu vou ficar bem... – ele olhou para Chastain – Obrigado, Major. Se não tivesse sido por você...

— Não há nenhuma necessidade de me agradecer – disse-lhe Chas – Estou feliz porque tudo acabou bem!

— Se eu não tivesse contratado você para me proteger, se você não estivesse comigo...

— Poderia ter sido outro Guardião senhor. – Chas o interrompeu. Ela tinha certeza que o homem estava entrando em estado de choque e chamou a atenção do paramédico.

— Ele ia me matar, não ia? – O vereador perguntou, seus dentes batendo.

— Sim, senhor, ele ia. Levaria seu dinheiro e depois lhe mataria. O senhor foi sábio ao nos envolver nessa tentativa de extorsão, senhor.

— Vamos levá-lo para a clínica, vereador Jost. – sugeriu o médico – entramos em contato com sua família e eles irão lhe encontrar lá. Chas afastou-se do médico, que ajudou o vereador a ficar de pé. Ela olhou para o estado do vereador e deu-lhe um sorriso cansado.

— Tome cuidado, senhor! – ela falou ao Vereador, que já estava se afastando.

— Vá se limpar e comer alguma coisa, Neff – o Coronel Brock ordenou – Informarei o general que você estará em seu escritório no início da tarde.

— Sim, senhor – respondeu Chas. Caminhando de volta para sua Legion, seu veículo de um assento, em que havia se deslocado para encontrar o vereador, Chas sentiu dores pelo corpo ao respirar e sabia que quando a noite chegasse, elas seriam dez vezes piores. Sempre sentia uma onda de adrenalina durante uma luta, ainda mais quando seu trabalho era bem feito e a vítima havia sobrevivido.

O Storian – se o assassino fosse realmente dessa nacionalidade – havia lutado bem. Durante a luta, ele havia tido alguns golpes de sorte e dado um chute no momento certo, antes de pegar sua arma de fogo. O que não poderia adivinhar é que sua arma se voltasse contra ele, explodindo seu peito durante a luta. Também não contava que sua oponente fizesse parte da elite de Guardiões Riezell.

Ligou a Legion e arrancou, sem pensar muito no procedimento. Chas recostou-se no assento, o poderoso motor rugindo para a vida. Ela sentiu a vibração e sorriu, pelo barulho quase silencioso do casco de titânio do veículo. A Legion pertencia inteiramente a Chas. A havia ganho um ano antes, de um cliente e a família dele. Top de linha, arte pura, a Legion foi um dos modelos mais cobiçados das Indústrias Tappa. Apenas alguns funcionários, do alto





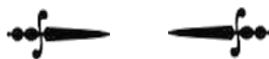
escalão da Assembléia Riezell, podiam comprar esse modelo de veículo. Nem o General Siri, chefe de comando da frota, tinha uma máquina tão maravilhosa à sua disposição, pois o preço de venda do veículo, era de cinco milhões de créditos. Pulando na cadeira de comando, Chas apertou o cinto de segurança, deu uma olhada na tela para ter certeza que o corpo estava ajustado na cabine de propulsão e apertou o acelerador em vinte por cento.

Abaixo dela, a Legion levantou uma poeira espessa, em espiral, manchando o preto fosco da parte de baixo do veículo. Por um momento, focou um olhar blindado como a Legion para o local onde aconteceu a luta, depois ergueu os olhos para o sol do meio dia, olhou para o lado direito, com o motor ronronando, e acelerou, decolando como uma pedra em um estilingue.

— Essa é uma máquina impressionante! – o médico falou com um suspiro. O Coronel Brock assentiu quando a Legion sumiu de vista.

— Sim – respondeu ele – Ela é uma de nossas melhores agentes. Se eu precisasse de proteção, Chastain Neff seria a guarda-costas que escolheria para mim.

Era óbvio que o médico estava comentando sobre o veículo que transportava a Guardiã Riezell, mas não fez nenhum comentário sobre a observação do Coronel. Todo mundo sabia o que ele sentia sobre Chas.



Um banho havia tirado a sujeira e um cochilo de vinte minutos havia clareado o nevoeiro que permeava o cérebro cansado de Chas. Depois de uma tigela de batatas fritas de alta proteína e um shake de energia, ela vestiu seu uniforme na cor cinza prata e colocou seu brilhante broche em forma de âncora, que informava que ela era uma Guardiã Riezell, no colarinho da camisa. Verificou mais uma vez, para ver se estava devidamente vestida, saiu de seus aposentos e pegou o elevador, subindo até o décimo oitavo andar, onde ficava o Comando Central. Os guardas parados na porta da sala do general chamaram sua atenção quando bateram suas lanças no chão de mármore polido.

— Ele está esperando por você, major. – a secretária do General falou para Chas.

— Nenhuma notícia ainda? – Chas perguntou.

— Não, ainda não senhora. – a secretária falou, balançando a cabeça.

— Nenhuma notícia é uma boa notícia. – Chas lembrou à jovem.





— É o que dizem. – falou a secretária.

— Vou acender uma vela para um retorno seguro.

— Muito obrigada, major! Eu aprecio o gesto. – Miriam Quilan falou sorrindo.

Chas bateu duas vezes na porta do general, que estava encostada e sorriu ao entrar no escritório.

— Gostaria de me ver, senhor? – ela perguntou.

— Sim – o grande homem respondeu – Feche a porta, major.

Arqueando a sobrancelha esquerda para cima, ela não fez nenhum comentário com o que lhe foi dito. Quando se virou, o general pediu que sentasse.

— Eles acharam? – ela perguntou delicadamente quando sentou.

— Cerca de meia hora atrás. – respondeu o general – Pelo menos o que sobrou dele. Eu ainda não tive coragem para lhe dizer.

Chas sentiu um aperto no coração e perguntou ao general se gostaria que ela informasse a Miriam que seu marido a pouco menos de um ano não retornaria.

— Não, eu vou comunicar a ela. – disse o general – Só tenho que encontrar uma maneira gentil de fazê-lo.

— Esta guerra tem destruído a vida de muitos, não é, senhor?

— Muitos, major. Já foi longe demais. - Após um longo momento de silêncio, o general se recostou na cadeira.

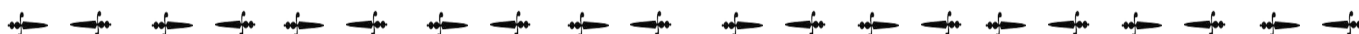
— Fiquei muito satisfeito ao saber que a situação do vereador Jost foi resolvida com sucesso. Bom trabalho, Chastain.

— Obrigada, senhor. Eu gostaria que tivéssemos capturado o Storian, mas um assassino rebelde a menos é melhor que nada.

— É definitivo então? Ele era um Storian?

— Eu tinha uma mensagem no meu tele-link quando retornei aos meus aposentos. Ele tinha uma marca na sola do pé esquerdo. O general fez uma careta.

— A marca oficial. – observou – Graças a Deus que você o matou.





— Ele poderia ter nos fornecido muitas informações se eu tivesse conseguido capturá-lo com vida, mas ele não me deu outra opção. – confessou Chas.

— Bem, pelo menos você sobreviveu. – ele olhou-a com cuidado – Algumas contusões e um arranhão ou dois parecem ser a extensão de seus ferimentos.

— Tive sorte. – falou Chas modestamente. O general balançou a cabeça para sua modéstia.

— A sorte não teve nada a ver com isso, major. Você é boa no que faz! - Chastain sorriu. Aquele elogio era muito raro de ser dito a um Guardião Riezell.

— O senhor tem uma nova missão para mim? - Uma carranca se espalhou pelo rosto do general.

— Uma exigência feita para nós pela Caitliceachs. - Os olhos de Chas se arregalaram e o general Alfon Morris sorriu.

— É uma surpresa para você também? Eu nunca pensei que o Conselho de Cosaint iria pedir nossa ajuda, não é?

— Não, senhor. Nunca em um milênio. – disse Chas lentamente – O que eles querem que façamos?

— Manter o príncipe herdeiro a salvo de ser assassinado. – disse o general. Chas franziu o cenho.

— O Príncipe Ruan, não é?

— O primeiro e único. – respondeu seu superior.

— Não o chamam de “Espectro”?

— Sim, ele é da Ordem dos Taibhse. Supostamente, ele é um guerreiro infernal e se sua maneira de matar serve de indicação, eu posso adivinhar porque ele ganhou este apelido. A seriedade no rosto de Chas se acentuou.

— Eu sou Protastnúach, sendo assim, nunca entendi os Caitliceachs, senhor. A idéia de um povo governado pelas regras de uma família é uma maldição! Qualquer coisa que cheire a realeza, me irrita. – afirmou Chas.

— Isso me irrita muito também. Então, eu não estou muito entusiasmado com a idéia de proteger um dos moleques do Rei Declan Cosaint!

— Mas porque temos que protegê-lo?





— A ordem veio diretamente do Tribunal, Major. Nós não podemos fazer nada sobre este assunto. Apesar de nossas diferenças, os Caitliceachs são nossos aliados.

— Seu povo não pode proteger o “Príncipe Herdeiro”?

— Não o suficiente como gostariam. Eu ouvi que ele é uma pessoa difícil.

— Sim, bem, pelo que ouvi falar do Príncipe Ruan, ele não vai gostar da proteção que vamos dar a ele. Não é isso que seu sobrenome significa? Proteção?

— Sim, mas a proteção de seu povo, não de si mesmo. – explicou o general – Já lhe disse que ele tende a ser um pouco descuidado com sua própria proteção e sua mãe pediu ao Rei que seu filho fosse protegido.

— No entanto, ele pode se negar a ser protegido. - O general Morrison inclinou-se, apoiou os cotovelos sobre a mesa e falou:

— É por isso que ele não sabe quem ou o quê você é, major. - Chas juntou as sobrancelhas uma na outra e disse:

— Eu não vou dizer a ele que sou uma GR (Guardiã Riezell)?

— Por todos os santos, não, você não vai dizer! – exclamou o general – O Conselheiro do Rei foi irredutível quanto a isso.

— Então como vou fazer para protegê-lo?

— Uma ação secreta, minha cara Major. – o general disse com uma risada – Uma ação secreta.



O prisioneiro caiu contra a cadeira de ferro, com as mãos algemadas. Foi difícil assinar seu nome no papel que havia sido jogado debaixo de seu nariz, mas ele teria feito qualquer coisa para ter sua sentença de prisão perpétua revogada.

— A política de concessão de indulto aos presos capazes de derrotar um de nossos Guardiões Riezell veio do próprio governador. Ele achou que seria uma boa maneira de manter os Guardiões em suas mãos se soubessem que assassinos poderiam voltar às ruas após sua prisão. Você entende que pode morrer? – perguntou o diretor. Encolhendo os ombros, enquanto deixava a caneta cair de seus dedos, o prisioneiro de endireitou-se o melhor que pôde e perguntou:





— Você não vai me colocar de volta na prisão seu conseguir, não é? - O diretor bufou e disse:

— As chances de você pegar um Guardião Riezell são improváveis, mas contanto que você perceba a sua situação, isso é tudo que importa.

— Eu nunca fui vencido por uma maldita mulher e não será agora que isso irá acontecer! – vangloriou-se o prisioneiro. Ele sacudiu os punhos com as algemas e elas foram retiradas; a vontade de estrangular o guarda que se abaixou para soltar seus tornozelos foi enorme. Mas o olhar no rosto do diretor do presídio e a desaprovação carrancuda no rosto dos outros guardas que o estavam vigiando, era um bom impedimento para o prisioneiro não agisse de acordo com sua natureza.

— Lhe serão dadas novas roupas, documentação e uma arma de sua escolha – disse o diretor. - Até que você encontre a major Neff, será obrigado a usar o dispositivo de rastreamento que será colocado agora.

O prisioneiro olhou para o guarda que havia retirado as algemas de suas pernas, e viu quando ele deslizou uma tornozeleira de monitoramento, antes que ficasse de pé. A tornozeleira era apertada contra a pele e ele podia sentir uma leve vibração do transmissor.

— Se você conseguir matar a Major Neff, a tornozeleira será removida e você terá permissão de se misturar na multidão e seguir seu caminho. – o diretor lembrou ao prisioneiro.

— E você não irá me caçar, não é?

— Isso mesmo. Você será um homem livre. – o diretor concordou – Até que você cometa um crime e tenha que voltar para cá.

— Isso não vai acontecer. – protestou o prisioneiro.

— Veremos.



— O príncipe herdeiro, hein? – o coronel Daniel Brock questionou quando cortou o bife grosso de seu prato. – Esse deve ser um trabalho interessante.

— Aprendi muito sobre Ruan Cosaint esta tarde. – disse Chas – Eu não tenho certeza se interessante é a palavra certa.

— Ele é um imbecil! – comentou Daniel – Eu o conheci...



— Quando foi isso? – perguntou Chas, erguendo os olhos do prato.

— Logo após a guerra ter começado. Fui enviado para Sciath, para entregar uma mensagem do Tribunal ao Rei Declan. - Ele cortou mais um pedaço do bife e colocou na boca, falando enquanto mastigava:

— Lembro-me de ter pensado que nunca havia visto um palácio tão lindo!

— Lindo ou não, eu estava ansiosa por um pouco de descanso. – Chas resmungou. Daniel tomou um gole de seu conhaque Francach.

— Quando este trabalho terminar reservarei passagens para a pequena ilha Ghréig, que eu sei que você adora. Podemos ficar apenas deitados, na beira da praia, aproveitando os raios de sol e em seguida dar um mergulho naquelas águas azul turquesa... Que tal?

— Parece celestial. – admitiu Chas – Ficar somente de preguiça, sem nada para fazer no paraíso... – ela suspirou. Daniel pegou o guardanapo e limpou os lábios, em seguida, dobrou-o e colocou embaixo de seu prato.

— Pronta para a sobremesa? – perguntou ele.

— Eu não acho que consigo comer qualquer outra coisa. – respondeu ela, fazendo o mesmo com seu guardanapo.

— Bem, eu ainda estou morrendo de fome, mas não é por comida. – disse ele calmamente. Nos últimos quatro anos, ela e Daniel tinham sido amantes. Era uma situação fácil para os dois, uma vez que satisfaziam suas necessidades físicas. Nenhum deles tinha o desejo de uma relação mais permanente e exclusiva, Daniel tinha relações com outras pessoas e ela manteve suas opções sempre em aberto.

— Eu poderia arrumar espaço para alguma coisa salgada! – disse ela com um sorriso. Daniel se levantou da mesa, andou até ela e puxou a cadeira para que se levantasse. Tomando-lhe a mão, ele a levou para seu quarto, virando-a, para que pudesse encará-lo, enquanto desabotoava lentamente sua blusa.

— Tenho esperado o dia todo por este momento! – ele disse com uma voz rouca, seus dedos trabalhando nos botões de pérola e roçando em seu corpete.

— Seja gentil comigo, Danny. Estou começando a sentir as dores da luta com o Storian, amor – disse ela, enquanto puxava a blusa de dentro de sua saia.

— Vai ficar pior amanhã à noite – ele avisou, deslizando as mãos ao longo de sua barriga e puxando-a para ele, achatando seus seios cobertos por rendas contra seu peito. Ele inclinou a cabeça e acariciou seu pescoço. Chas sempre gostou das preliminares de Daniel, embora



sempre fossem as mesmas. O homem era muito bom nelas. Tinha uma vontade de ferro e poderia ficar apenas brincando por muito tempo, acariciando-a, antes de sentir a necessidade de subir em cima dela e tomá-la com sua maneira lenta e preguiçosa. Às vezes, sua lentidão a deixava nervosa, fazendo com que ela preferisse que a tomasse como um bárbaro, mas essa noite ficou feliz por seu autocontrole.

— Seu cheiro é maravilhoso. – disse ele, passando o nariz por seu pescoço, enquanto suas mãos alisavam suas costas, de cima para baixo, sob a blusa.

— É o perfume de gardênia que você trouxe para mim quando voltou de Domhan da última vez.

— Eu vou comprar um barril da próxima vez. Eu amo esse cheiro!

Ele subiu as mãos de suas costas, enfiou-as em seus ombros e tirou sua blusa, largando-a no chão atrás dela. Passando as unhas da mão direita por sua garganta, as deslizou para baixo, para o fecho frontal de seu sutiã e com grande agilidade, abriu-o com o polegar e o indicador. Com a peça separada, enfiou as mãos pelas alças e tirou-a. Chas sempre teve orgulho de seus abundantes seios. Eles se encaixavam bem apertadinhos nas mãos grandes de Daniel e seus mamilos rosados ficavam duros quando ele massageava suavemente as auréolas de marfim.

— Você tem os seios mais lindos que já vi em uma mulher. – falou Daniel, um pouco antes de abaixar a boca para os pontos túrgidos.

Sua maneira de lhe lambe os seios foi lenta, quase coreografada e ao mesmo tempo, muito agradável. Chas nunca poderia chamá-lo de espontâneo ou emocionante. Nunca houve qualquer mudança de uma carícia para a outra. Ela quase podia contar os passos exatos que a levariam para a cama king size de Daniel. Desabotoar a blusa, mordidela no pescoço, retirar a blusa. Retirar o sutiã, morder os mamilos, em seguida passar a língua sobre eles.

Continuou lambendo os mamilos, apertando os seios, antes de deslizar suas mãos pelo cócs da saia ou calça, tocando seu sexo através do tecido. A partir daí, as coisas esquentariam um pouco, mas ainda demasiadamente lento e metódico para ser outra coisa que não agradável. Nunca houve qualquer paixão selvagem de um com outro. Nunca houveram gritos de satisfação desenfreada ou luxúria satisfeita.

Quando ele tirou a saia e a calcinha, ela passou os dedos por seu cabelo e sentiu-se realizada quando ele caiu de joelhos para adorar a junção de suas coxas. Ele respirou suavemente e passou a língua em seu clitóris. Separou os lábios com os dedos e lambeu ao longo das dobras, terminando com uma sucção suave no centro de seu prazer. Insinuou um dedo em seu ânus, e puxou-a para mais perto, para que sua boca quente pudesse chupar seu sexo como uma sanguessuga gigante. Essa visualização particular nunca deixou de incomodar Chas. Ela se contorceu e podia jurar que estava molhada lá embaixo. Apesar de seu toque ser muito agradável e sempre a deixar quente e pronta para receber seu pau duro, a rotina do ato sexual, a previsibilidade do mesmo, fazia com que tivesse prazer apenas uma vez.





Quando Daniel deslizou por cima dela, ela olhou para o teto e tentou imaginar que estava sendo saqueada por um corsário descarado, da costa bárbara de Tuirc. Imaginou-se a bordo de um navio pirata, suas quatro velas estalando ao vento, iludindo as armas dos barcos de patrulha, enquanto ele a levava para cada vez mais longe de sua casa, ao longo da costa selvagem. Seu corpo pesou sobre ela, o pau liso e quente, enterrou-se nas dobras molhadas de sua vagina. Ele ia montá-la, até que ela gritasse de prazer, seu corpo suando pelo clímax. Inspirado pelo grito que rugiria na garganta dele, ela gozava também, e culminaria.

— Eu amo você, Chas.

A voz de Daniel trouxe Chas de volta da neblina, do nevoeiro de terras bárbaras, o mesmo lento e velho prazer invadindo seu corpo. Foi uma frase tão automática, mas ajudou a relaxar seu corpo cansado e dolorido. Daniel deitou-se ao seu lado, de costas para ela, pegando no sono logo em seguida. Mas ela continuou acordada, olhando para o teto. Para fantasiar com o pirata que pudesse levá-la muito além de si mesma.

CAPÍTULO DOIS

Ruan Cosaint estava carrancudo enquanto andava no mercado ao ar livre, na Baía Gaillimh. Os sons dos mercadores vendendo suas mercadorias, tinham lhe dado uma dor de cabeça brutal, enquanto o cheiro das fezes dos animais nos currais, fazia com que sua bÍlis subisse pela garganta. Ele ignorou a mulher linda parada ao seu lado, tagarelando sobre um tecido, tendo parado diversas vezes para inspecionar as mercadorias de vez em quando.

— Você não acha que esse veludo ressalta o azul dos nossos olhos, Ruan?

— Se você diz que sim... – disse ele com os dentes cerrados. A frase se tornou um mantra para ele ao longo das últimas três horas. Ele tinha sido forçado a caminhar ao lado da candidata afetada que sua mãe havia impingido a ele.

— Na semana passada, eu adicionei vários vestidos, de diversos tons de azul para o meu dote, mas nenhum tão rico quanto este. – ela continuou, ignorando a sua resposta. – Você não ama como o material brilha a luz do sol?

Ruan rosnou sua resposta e enfiou as unhas na palma da sua mão. Ele gostaria de jogar aquela cadela no chão, levantar suas saias e fodê-la como um demônio, depois se levantar e ir embora. Ele tinha a sensação de que até sobre isso ela iria fazer um comentário. O pensamento o fez sorrir selvagememente.





— Eu também tenho vários lenços de seda que iriam fazer um cinto lindo para qualquer vestido feito com este tecido. Vou levar oito metros, cidadão. – ela exigiu do comerciante.

— Você não acha que já fez compras suficientes para um dia? – Ruan perguntou.

— Apenas mais algumas paradas. – disse ela e seguiu em frente, não se incomodando para ver se ele a estava seguindo e rodando sua sombrinha de renda branca, que carregava para se proteger do sol quente de Gaelachúan. Revirando os olhos para o céu, Ruan deu um passo atrás e olhou para o balanço de seus quadris. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos de suas calças, os ombros arqueados com aborrecimento e seus olhos se estreitaram. Estava se sentindo tão miserável que seu único desejo era bater em alguma coisa ou matar alguém. Ou foder uma mulher qualquer. E não especialmente nessa ordem.

Apesar de ter começado tarde com suas conquistas - numerosas e previsíveis – haviam deixado uma necessidade que não conseguia identificar. Não a saciedade, que todas as suas amantes conseguiram aliviar de seu pênis. Era sua alma que precisava de alívio, e não com uma empregada doméstica ou dama da corte de sua mãe; ele tinha feito isso por muitos anos. Não se sentia assim desde que tinha quinze anos e conheceu uma mulher ousada que havia lhe dado um prazer sem limites. Se ele pudesse encontrar uma mulher que despertasse esse prazer que seu corpo rígido precisava...

Não foi o grito agudo que alertou Ruan para o perigo eminente. O grito tinha sido baixo o suficiente para ser ignorado pela maioria dos consumidores ao redor dele. Tinha sido apenas alto o suficiente, para fazer o príncipe Gaelachuan virar e olhar à sua direita. O que atraiu a sua atenção imediata foi o flash que a luz da manhã fez em uma lâmina descendo nas sombras profundas de um beco mais adiante.

— Acredito que este veludo seria ótimo para um sofá. Você não acha, Ruan? – Lady Siobhan Prentice-Hall perguntou, tocando a Borgonha, um rico pedaço de tecido. Quando ela não recebeu nenhuma resposta, se virou e viu o homem que desejava como noivo lhe dar as costas e se afastar dela.

— Ruan?! – ela gritou, ficando na ponta dos pés para tentar ver por sobre os ombros dos guardas que ficaram para protegê-la. – Ruan, onde você está indo?

Uma vez mais, o flash de aços mortais atraíram sua atenção e o som de briga no beco fez Ruan aumentar o passo. Sua mão foi para a espada, presa ao seu quadril e fechou os dedos ao redor dela. Com o canto do olho, Chastain Neff viu um homem correndo na direção deles. A partir da foto que ela baixou em seu tele-link esta manhã, ela o reconheceu como sendo o herdeiro do trono Gaelachuan e voltou-se mais para dentro do beco. O homem contratado para tentar matá-la avançou, a faca de desossar acima de sua cabeça.

— Eu vou estripar você, cadela! – o homem que havia sido libertado recentemente da prisão Riezell rosnou. Ele baixou a faca mais uma vez.





— Não! Tudo que você vai fazer é ir para o inferno! – disse Chas suavemente. Embora não tivesse nenhuma arma, Chas sabia que não precisava de nenhuma para se proteger da ameaça do prisioneiro, que avançava para ela. Suas mãos foram registradas como armas letais no Comando da Frota e ela sabia que seus pés podiam ser quase tão rápidos e mortais como suas mãos. Não havia nenhuma dúvida de como essa briga terminaria.

— Eu não vou voltar. – rosnou o prisioneiro e movimentou a faca mais uma vez. Ele cortou o ar, levando a lâmina para baixo, com movimentos destinados a intimidar a vítima. – Eu já tive o suficiente da prisão.

— E vai ter mais, porque é certo que vai voltar para lá. – disse Chas.

Embora ela desaprovasse a política do Comando de dar a um prisioneiro o indulto de sua pena, e que esse prisioneiro poderia matar um Guardião, ela sabia que isso nunca ia acontecer. Nenhum prisioneiro foi bem treinado como um Guardião Riezell. O resultado nunca esteve em dúvida. Em um momento, Chas estava pressionada contra a parede de madeira áspera do edifício, em outro, ela olhava, com os olhos arregalados, o prisioneiro decapitado caindo em sua direção. Tão rápida foi a lâmina que tinha cortado a cabeça do atacante de seu corpo. E ela nunca tinha visto uma que cortasse a carne, tendões, cartilagem e osso. Nenhum sangue jorrava da ferida mortal que a arma havia feito cortando a cabeça do prisioneiro, pois havia queimado as artérias e as veias.

As espadas empunhadas por membros da Ordem dos Taibhse são extremamente finas. A lâmina da arma é tão fina e afiada que não pode ser vista a olho nu. Em contato com matéria viva, uma corrente elétrica é gerada e a borda da lâmina cauteriza as terminações nervosas e vasos sanguíneos instantaneamente. Estamos falando de morte sem derramamento de sangue aqui, um dos instrutores da Academia tinha ensinado. Como o corpo caiu a seus pés, Chas ficou de lado.

— Você está bem?

Era uma voz profunda e rouca, mãos fortes e poderosas se fecharam em torno de seus braços. O contato fez com que um arrepio corresse dos braços para sua barriga, provocando um inesperado suspiro quando ele puxou-a para ele. Ela sentia como se estivesse se afogando, sendo arrastada, sendo arrastada na luxúria, sem limites e sem luz. Tentou se libertar, o que só fez com que fosse puxada para cima, de encontro a um peito tão sólido quanto granito.

— Ele machucou você, moça? – aquela voz profunda exigiu saber e quando Chas não respondeu, mãos poderosas a sacudiram levemente – Ouça-me, você está ferida?

Chas olhou para os olhos azuis escuros, que pareciam estar se aprofundando em sua própria alma. A proximidade do corpo rígido do homem, a morte rápida, a corrente elétrica que sentiu das palmas de suas mãos até o interior de seu corpo, um cheiro intoxicante de couro e canela dominou-a, e a fez cair sobre suas mãos, incapaz de assimilar logicamente as





sensações que a bombardeavam. Antes que pudesse protestar, seu salvador levantou-a em seus braços, segurando-a contra ele, como se ela fosse uma criança.

— Honestamente, Sua Graça! – uma voz queixosa, aguda e cheia de aborrecimento falou – Por favor, não pode fugir assim! Você sabe que sua mãe...

— Pelo inferno, fique fora do meu caminho, Lincoln! – Ruan rosnou e virou-se de modo que os pés de Chas golpearam quem estava falando. Chas não tinha outra escolha, senão colocar os braços ao redor do pescoço do Príncipe Ruan. Seu passo de pernas longas foi tomando distância, enquanto ele a carregava. Tudo que podia ver era a parte inferior do queixo magro e ficou surpresa ao ver uma linha branca, apertada de raiva, contra sua carne bronzeada.

— Sua Graça, realmente! – Lincoln protestou – É assim tão difícil?

— Você não me viu como um bruto ainda, Lincoln! – Ruan murmurou. Correndo ao lado do homem que ele havia sido condenado a ficar o mais próximo que era permitido, Lincoln abaixou a cabeça e tentou olhar a mulher que estava nos braços do Príncipe.

— Está tudo bem, minha senhora? – perguntou ele.

— Eu acredito que sim. – respondeu Chas.

Ruan levou-a para a luz do sol brilhante e gritou com um comerciante para desocupar o banco em que tinha sentado sua bunda enorme. O comerciante forçou-se a levantar, ajudado por dois guardas pessoais de Ruan e ficou abanando-se com uma folha de palmeira. Deitando-a gentilmente sobre o banco acolchoado, Chas sentiu novamente todas as dores que ainda não haviam passado, desde sua última missão. Inconscientemente, ela gemeu quando os braços fortes foram retirados debaixo de seus joelhos e ombros.

— Você está ferida! – disse Ruan e, antes que ela pudesse negar a declaração, ele já estava examinando seus braços.

— Não, Sua Graça. Eu só estou irritada! Isso é tudo. – ela assegurou. Ele segurava sua mão e a sensação estranha que sentia, estava passando de seus braços para seus seios, os mamilos endurecendo contra o tecido do vestido de veludo.

— Por que ele estava tentando matar você, moça? – Ruan perguntou, seus olhos azul safira fixando-se nos dela.

Ela olhou para o rosto que havia ouvido ser o mais bonito de toda a galáxia e acrescentou seu próprio voto a essa avaliação. O homem que se inclinou sobre ela tinha o rosto de um deus. Uma espessa juba de cabelos negros, como a meia-noite, moldava uma pele morena, que destacava ainda mais o notável olhar azul.





— Enlil? – ela perguntou e estremeceu, perguntando de onde ele tinha vindo.

— Quem? – Ruan perguntou. Chas abanou a cabeça.

— Um Gaelachuan? – ela sussurrou e poderia ter chutado a si mesma se já não estivesse deitada de costas, mãos possessivas segurando-a. O lado direito da boca de Ruan levantou-se levemente.

— Sim, eu sou, moça. Você é de Bhreatain?

— Meiriceánach – corrigiu ela e viu sua sobrancelha esquerda arquear-se com surpresa.

— Meiriceánach? Eu acho que a resposta melhor seria Bhreatain. – ele brincou – O que você está fazendo na Baía Gaillimh?

— Eu sou a nova secretária do Senhor Hurlburt. Eu parei no mercado para comprar meu almoço, foi quando o homem... – ela parou, virando a cabeça – Ele disse que estava indo para...

Ruan pegou uma de suas mãos e estendeu a outra para pegar seu queixo e virar seu rosto para ele. Teve vontade de gemer quando viu as lágrimas em seus impressionantes olhos verdes.

— Tente não pensar sobre isso, moça. Esqueça... Você está segura agora.

— Ruan, o que está fazendo com essa meretriz? - Chas viu um rosto bonito, com raiva, parando acima dela. Os lábios endurecidos, finos como uma linha reta e os olhos azuis tornaram-se tão brilhantes e frágeis como pedaços de gelo. Quando ele virou para o rosto da mulher que havia falado, ela pôde ver sua mandíbula endurecendo.

— Você já terminou suas compras, Maeve? - Chas viu-a endurecer e teve que morder o lábio para não rir da expressão ofendida no rosto da mulher de cabelos escuros.

— Meu nome é Siobhan! – disse ela, erguendo o queixo para o ar.

— Que seja! – disse Ruan – Se você já terminou, Lincoln vai levá-la de volta. - Os olhos de Lady Siobhan Prentice-Hall se arregalaram.

— Não é você que vai me levar de volta para Sciath? – ela perguntou, em um tom incrédulo.

— Não, eu não vou. – respondeu Ruan.

— Bem, eu não acredito! – Siobhan disse e girou nos calcanhares, se afastando. Alistair Lincoln suspirou e correu atrás da mulher.



— Fique com ele. – falou para outro guarda — Observe-o o tempo todo.

Chas viu o Príncipe Gaelachuan baixar a cabeça e balançá-la. O aperto em sua mão ficou mais forte, quase ao ponto de ser desconfortável. Então ele levantou a cabeça e olhou para cima, encarando os quatro guardas que o rodeavam.

— Se afastem um pouco de nós, O'Malley. – ele ordenou.

— Sua Graça... – o homem começou, mas o Príncipe estreitou os olhos e o guarda obedeceu imediatamente, mandando os outros guardas se afastarem.

— Eu acho que aquela lady ficou chateada com você, milorde – disse Chas.

— Ela pode ir para o inferno! – Ruan disse com um suspiro. Ele a ajudou a sentar-se e franziu a testa quando ela estremeceu – Você tem certeza que está tudo bem? Devo buscar um *dochtúir*?

— Eu não preciso de um curandeiro, mas agradeço a oferta. – ela falou, sorrindo. Ele moveu-se para trás quando ela desceu as pernas do banco, mas continuou segurando sua mão enquanto levantava. E como ela vacilou um pouco, com o sangue tivesse subindo para a cabeça, ele rapidamente colocou os braços sobre seus ombros. A corrente elétrica que o abraço produziu, fez caminho até sua espinha, se espalhando como fios fantasmas, chegando ao meio de suas coxas, deixando-a excitada.

— Oh, meus Deus! – ela falou, ofegante e as pernas amoleceram.

— É isso aí. – uma vez mais a abraçou – Eu vou levar você a um *dochtúir*!

Ela não conseguiu encontrar sua voz, quando ele começou a mover-se, mantendo o abraço. Ouviu quando ele falou com os guardas no idioma do Alto Gaelachuan, língua em que tinha pouco conhecimento. Ela acreditava que ela havia mandado um deles procurar um curandeiro, dizendo-lhe para certificar-se de que o lugar era limpo. Ao redor deles, as pessoas moveram-se para fora do caminho, curvando-se para o Príncipe quando ele passou. Ele acenou para alguns, que o cumprimentaram, mas olhava para ela, o azul escuro do seu olhar parecendo lançar raios.

— Por este caminho, sua Graça. Aqui! - Ele levou-a para baixo de um toldo, tendo que abaixar a cabeça quando passou por uma porta, entrando em um quarto escuro e fresco, que tinha um agradável cheiro de rosas.

— Deite-a aqui, Sua Graça. – alguém falou.

— Sinceramente, Sua Graça, eu estou... – ela começou, mas Ruan cortou.





— Deixe que ele dê uma olhada em você. – ele tirou os braços de seus ombros e deslizou uma mão suavemente por sua bochecha – Eu não vou estar muito longe.

A próxima pessoa que entrou em sua linha de visão era um homem idoso, com uma madeixa de cabelos brancos caindo sobre seu rosto enrugado. Ele sorria delicadamente e ela o reconheceu como um dos médicos dos Guardiões Riezell. Abriu a boca para cumprimentá-lo, mas ele colocou um dedo sobre os lábios e sacudiu a cabeça ligeiramente.

— O que você está fazendo aqui, Kaspar? – ela sussurrou em voz baixa.

— O general ordenou. – respondeu o médico – E eu tenho que obedecer.

O corte foi pequeno, mas o suficiente para lhe tirar o fôlego. Levantou a mão com a intenção de bater no homem mais velho, sentiu uma picada. O braço caiu inutilmente sobre o travesseiro e os olhos ficaram vidrados com a droga de efeito potente e imediato.

— Não se preocupe, Major. – Kaspar sussurrou – É apenas *pairilis*, uma das poucas drogas Gaelachuan que eles estão sempre aperfeiçoando. Você vai dormir por cerca de quatro horas, em seguida, despertará refrescada, mas nos braços de seu protegido. O velho riu:

— E que par de braços para despertar, hein?

— O... o que...? – foi tudo que Chas conseguiu falar, antes de tudo escurecer ao seu redor.

— Bons sonhos, linda Guardiã! – disse Kaspar, acariciando seu braço. Enquanto a escuridão caía sobre os olhos de Chas, ela sentiu as mãos do médico sobre suas roupas e apagou para o mundo. Do lado de fora da cabana do médico, Ruan levantou da cadeira em que havia sentado, logo que este abriu a porta.

— Como ela está?

— Você sabe alguma coisa sobre a droga *pairilis*, Sua Graça? – perguntou Kaspar.

— Sim – rosnou Ruan, os olhos ardendo como carvão azul – Se você deu a ela esta merda...

— Não, Vossa Graça, mas, aparentemente o homem que a esfaqueou tinha esta droga em sua lâmina. Não há dúvida de quais eram as intenções dele! A cor se esvaiu do rosto do Príncipe Gaelachuan.

— Apunhalada? Onde? Não vi sangue!

— Venha! – o médico o atraiu e voltou para dentro da cabana. Ele levou Ruan até a cama em que Chas estava inconsciente – Você não poderia ver o sangue com a quantidade de tecido em torno de sua cintura, mas ele cortou-a aqui. – falou, puxando as cobertas da paciente.



Ruan engoliu como um menino inexperiente ao ver sua primeira mulher. Ele mal percebeu o pequeno corte que o médico mostrou animado, pois seu olhar estava ocupado demais, passando sobre a beleza descoberta do pescoço até o quadril, onde o cobertor tapava precariamente o triângulo entre as pernas.

— Ela não é adorável? – o médico perguntou baixinho.

— Magnífica. – Ruan respondeu e sentiu o suor brotar em seu lábio superior e debaixo dos braços. As palmas de suas mãos coçaram, com a vontade que sentiu de tocar a pele impecável que foi revelada á ele. Sua masculinidade endureceu, tentando levantar para dar uma olhada também. Ele havia esperado toda a vida por uma mulher que pudesse lhe causar emoções tão profundas e um aperto no coração.

— Essa é uma mulher que deve ser mimada. Não pensa assim, Sua Graça? – Kaspar perguntou.

— Sim – sussurrou Ruan – O inferno que vou permitir que ela vá trabalhar para um homem como Lorde Hulburt. O homem não é nada mais que um libertino!

Ruan não queria fazer outra coisa senão estender sua mão e tocar o brilho de seda de seu cabelo louro claro, que estava espalhado sobre o travesseiro. Ele queria sentir a textura macia entre os dedos, levá-lo até seu rosto e experimentar o perfume inebriante que havia sentido quando estava carregando-a.

— Nenhum dano maior foi feito, pois Sua Graça a salvou daquele meliante. O meu palpite é de que ou ele cortaria sua garganta para que ela não pudesse identificá-lo ou a venderia para um bordel! - Com os olhos vidrados de paixão, Ruan olhou para o médico. Não suportava pensar o que teria acontecido se ele não tivesse a salvado.

— Eu tenho certeza que posso encontrar alguma coisa para ela aqui na Baía Gaillimh, Sua Graça. Se você pudesse lhe deixar algumas moedas, até que ela se recupere, tenho certeza que ficaria muito agradecida. - Balançando a cabeça, Ruan recusou a oferta.

— Ela vai comigo. – ele conseguiu dizer.

— Com você? – Kaspar perguntou.

— Comigo – Ruan disse com firmeza. Passou os dedos por sua bochecha e fez uma careta quando a sentiu quente demais, falando em voz alta – O *pairilis* está causando uma ligeira febre, mas tirando o corte do quadril, ela está em ótima forma. Deverá estar bem em um ou dois dias.

Balançando a cabeça, Ruan puxou o cobertor sobre a beleza que dormia na cama do médico. Ele apertou a lã grossa do cobertor ao redor dela, vacilando ao tocar sua pele. Não conseguia pensar em nada, somente em cetins e sedas, sempre que tocava essa pele impecável. Gentilmente, pegou seu fardo e ergueu-a contra seu peito.





— Diga ao meu guarda quanto lhe devo, *dochtúir*. Será recompensado. Você tem minha gratidão por ter cuidado tão bem de minha senhora. - Kaspar sorriu e inclinou a cabeça. Quando o Príncipe saiu e seu guarda depositou um saco pesado de moedas na mão do médico, Kaspar riu alto.

— Minha senhora, hein?! – ele repetiu, jogando o saco de moedas no ar e segurando-o – Bem, isso é um bom augúrio para nossa pequena Guardiã Riezell.

CAPÍTULO TRÊS

Chas abriu os olhos e encontrou o corsário¹ sentado ao lado de sua cama, com os braços apoiados no encosto da cadeira. Sua mão direita alisava seus dedos, enquanto os lábios depositavam suaves beijos. Quando ele olhou para ela através de uma mecha de seu cabelo negro, ela viu seus olhos brilharem com uma luz que a fez perder o fôlego.

— Eu estava começando a ficar preocupado. – disse ele, estendendo a mão para tirar o cabelo de sua testa.

— Que horas são? – ela perguntou, examinando o quarto escuro.

— Quase dez da noite. – respondeu ele, pousando a mão suavemente em sua cabeça – Sua febre baixou.

— Estou com sede. – disse ela, e percebeu que sua voz soou áspera. Ele soltou sua mão e pôs-se de pé rapidamente, empurrando a cadeira para o lado. Pegou uma garrafa e encheu uma taça.

— Pedi que trouxessem água gelada a cada meia hora, para quando você acordasse. – disse ele e aproximou-se da cama. Gentilmente, ele deslizou a mão esquerda por seu pescoço, levantou sua cabeça e levou a taça de ouro aos lábios dela. Chas bebeu avidamente, pois sua boca estava seca. Ela fechou os olhos, enquanto a água gelada descia pela garganta. Quando tomou tudo, ela empurrou a taça e deitou a cabeça no travesseiro novamente.

— Você está com fome?

— Não – ela sussurrou e deu um longo suspiro. O colchão abaixo dela lhe dava a impressão de estar flutuando sobre uma nuvem, de tão suave e macio que era. O lençol que cobria seu

¹ Pirata.



vestido de seda, tocando seu corpo como uma suave musselina. Ela franziu a testa e abriu os olhos.

— Quem me vestiu? – ela perguntou, olhando em seus olhos.

— Uma empregada, apesar de eu estar tão perto... – ele levantou o polegar e o indicador, mostrando um pequeno espaço – que eu mesmo poderia tê-lo feito.

— Que vergonha, Sua Graça! – disse ela, corando na mesma hora, como havia sido ensinada na Academia.

— Em primeiro lugar, eu sou um homem, moça. E em segundo, um príncipe – ele admitiu.

— E um Príncipe muito impróprio. - A porta do quarto abriu-se e uma mulher de meia idade entrou. Tinha as feições bonitas, mas em seu rosto havia uma careta de desaprovação. Estava acompanhada por duas outras mulheres, também de aparência rigorosa, que obviamente eram suas damas de companhia.

— Você está bem, jovem? – a velha senhora perguntou.

— Eu estou bem, Vossa Majestade – disse Chas e tentou sentar, mas nem a mãe, nem o filho permitiram. O filho caminhou em sua direção, mas foi empurrado pela mãe.

— Saia daqui, Ruan – ela ordenou.

— Mãe, eu...

— Vá! – sua mãe ordenou – Isso é trabalho de mulher e você só vai ficar no caminho.

Resmungando para si mesmo, o príncipe enfiou as mãos nos bolsos de suas calças e saiu vagarosamente do quarto. Sua atitude foi a de alguém que estava acostumado a obedecer a sua mãe. Uma de suas damas fechou a porta, assim que ele saiu.

— Tranque-a – A rainha exigiu – Eu não me surpreenderia se meu filho ficasse espiando.

Chas atirou as cobertas para o lado e tentou levantar, enquanto a rainha estreitava os olhos para ela.

— E onde você pensa que está indo? – a rainha perguntou.

— É muito inconveniente eu ficar deitada na presença de...

— Sua empregadora? – a rainha cortou. Chas recostou-se contra a cabeceira da cama.





— Meu filho é um homem muito corajoso. – a rainha começou a falar, sentando-se na cadeira que Ruan havia desocupado – Mas ele é também um homem muito teimoso – baixou a voz e inclinou-se para frente – Muito parecido com seu pai, o que me dá medo.

Chas sorriu, mas não fez nenhum comentário sobre esta informação.

— Eu fiz desfilar diversas mulheres na frente dele nos últimos três anos e ele tem desprezado cada uma delas – a rainha continuou – Diz que nunca vai se casar, mas essa é uma observação ridícula e ele sabe disso. É o Príncipe herdeiro e, como tal, deve se casar e ter pequenos Ruans, para sentar sobre meus joelhos. Você não concorda, major Neff?

— Se é isso que ele quer, Vossa Majestade. – respondeu ela, com cautela.

— Não importa o que ele quer! – a rainha discordou – Ele tem obrigações. Deve se casar e ter filhos, isso é tudo o que ele tem que fazer.

— Mas e se ele ainda não encontrou a mulher que o faria desejar tudo isso? – Chas questionou. A rainha balançou a mão.

— Ele têm tido várias mulheres. – declarou ela – Sabia que ele teria... Mas o que posso fazer? Eu certamente não posso caminhar por todo o reino e encontrar o tipo de mulher que ele quer, posso?

Chas não precisou praticar a arte de corar, pois seu rosto ficou vermelho com o comentário indecoroso da rainha.

— Uma mulher forte, ele me diz – a rainha continuou, como se não tivesse visto o embaraço de Chas – De acordo com meu filho, ele quer uma mulher que possa vencê-lo em uma corrida de cavalos ou em um tabuleiro de xadrez. Quer alguém que não tenha medo de sua própria sombra e que não queira ter todos os vestidos do mundo. Alguém que não gaste todo o seu dinheiro ou que seja tão mansa e não tenha vontades. Em outras palavras, ele quer uma mulher tão boa quanto ele e então me desafiou perguntando onde eu esperava encontrar esta mulher.

Um encolher de ombros foi tudo o que Chas pôde fazer, pois vislumbrou o brilho alegre nos olhos da Rainha Gaelachuan e percebeu que ela era a isca da mulher.

— E enquanto eu o estou protegendo, quer que ajude a encontrar tal mulher, Majestade? – Chas perguntou.

— Oh, eu já encontrei! – a rainha declarou – Perdi um bocado de tempo fazendo isso.

— Então você quer que eu a conheça. – sugeriu Chas – Para ter certeza de que ela é a companheira ideal para ele.





— Ah, ela é a companheira ideal, não tenho dúvidas. Li nas runas² há um mês atrás, que foi quando descobri quem ela é. As runas foram lançadas duas vezes, mas a terceira? A terceira chocou até mesmo o místico, pois elas nos disseram que essa mulher tem sido a companheira do meu filho há vários milênios. Você entende? - Chas abanou a cabeça.

— Eu pouco sei sobre adivinhação, Sua Majestade, e eu não acredito em velhas crenças. - ela levantou uma sobrancelha - A hierarquia Caitliceachs não ensina que essas coisas são erradas?

— Como se nós, mulheres, fôssemos dar ouvidos a conversa fiada de homens velhos que nunca se casaram. - disse a Rainha, sentando-se para trás na cadeira - Nós mulheres, temos que sorrir, concordar com os sacerdotes e fingir que aceitamos qualquer restrição em nossas vidas. O que eles não sabem, não os incomoda. Chas sorriu e perguntou:

— E essa mulher que você encontrou para o príncipe é uma mulher que não vai se submeter aos seus sacerdotes?

— Pelos demônios, ela não vai. - a rainha declarou - Ela é dona do próprio nariz.

— E os místicos dizem que ela é a pessoa certa?

— Bem, eu não sou uma mulher de deixar as coisas ao acaso. Eu acredito nas crenças antigas, mas às vezes, os místicos lêem as runas incorretamente. Então eu investiguei a mulher da esquerda para a direita, de norte a sul, de ponta a cabeça, de dentro para fora. Não há nada que eu não saiba sobre ela, e assim como eu, meu marido chegou à conclusão de que ela é perfeita!

— Então, as runas foram lidas corretamente.

— Você é o juiz - a rainha ofereceu - A primeira vez que as runas foram lançadas, apareceram dois carvalhos. Isso significa que sabíamos que havia sido encontrada uma mulher para ele, forte como um carvalho, assim como ele é. A segunda vez que as runas foram lançadas, dois espelhos vieram à tona.

— Isso significa o quê?

— Isso significa que meu filho a conheceu no passado. De acordo com o místico, é muito raro que após dois lançamentos, duas pedras idênticas caíam nas mesmas posições.

— Então eles vão se dar muito bem, você não acha?

² “A sabedoria das runas foi deixada aos Vikings pelo deus nórdico Odin, para que os homens a ela recorressem, para se divinizar e para obter um sábio aconselhamento quando necessário. Odin se submeteu a um supremo ato de auto-sacrifício para obter o conhecimento secreto das runas. Permaneceu suspenso, por nove dias e nove noites, pendurado pela lança, de cabeça para baixo no Yggdrasil, a "árvore do mundo", até se dar conta das pedras rúnicas no chão.” Em: <http://migre.me/5ceX3>





— Assim esperamos, mas... – a rainha se inclinou para frente, seu rosto atento – Quando as runas foram lançadas pela terceira vez, e isso é um encanto, os espelhos vieram à tona novamente, significando o que era para ser. E tenho que dizer, isso surpreendeu todos os místicos.

— Eu não entendo... – falou Chas, balançando a cabeça.

— O que você vê quando olha um espelho que está na frente de outro espelho, jovem? - A Guardiã Riezell pensou por um momento e depois assentiu.

— Uma multidão de reflexões – disse Chas – Para provar que há inúmeras reencarnações de ambos e sempre um encontra o outro.

— Exatamente! – disse a rainha. Chas ergueu as mãos.

— E onde eu entro nisso, Majestade? Disseram-me que era para protegê-lo de um assassino em potencial. Existe realmente um assassino ou estou aqui para ajudá-la a encontrar esta mulher para seu filho?

— Oh, a ameaça contra Ruan é bastante real, jovem. – disse a rainha, decepcionada – Há aqueles entre a Ordem dos Taibhse que gostariam de ver meu filho morto, para que possam agir da maneira que quiserem.

— Que é o que, Majestade?

— Formar uma aliança com os Storian para derrubar o Tribunal de Cosaint e colocar um déspota no trono para reinar.

— Não seria a primeira vez que os Storian tentam algo parecido – disse Chas.

— Bem, isso não vai acontecer aqui e não vai acontecer com Ruan! Ele é um Príncipe sim, mas também é um guerreiro bem treinado.

— Eu vi isso hoje... – disse Chas calmamente, lembrando-se do morto decapitado no mercado livre.

— Quando ele se transforma em guerreiro, Ruan é um homem com quem podemos contar e eu não tenho medo por ele. É quando ele está sendo negligente com sua vida que tenho vontade de arrancar todos os meus cabelos brancos.

— Toda mãe se preocupa. – disse Chas.

— Lembre-me de lhe falar isso quando tiver seus pirralhos puxando a bainha de suas saias, minha jovem. Chas escancarou a boca. Ela só conseguiu ficar olhando para a rainha.





— Choquei você? - Demorou para Chas fechar a boca e teve que fazer um esforço para falar.

— Você acha que eu sou esta mulher que os místicos falam?

— Eu sei que você é. Seu nome foi explicado para mim e para todos os místicos em um quarto, à meia-noite, sob a luz da lua. Era apenas uma questão de tempo encontrar a mulher que possuía este nome.

— Sua Majestade, eu sou uma plebéia. Como você pode esperar que o seu Tribunal ou seu filho...?

— Você foi adotada ao nascer por uma família Meiriceánach, mas você nasceu uma *Ghréig*. – A rainha disse e cruzou os braços sobre o peito.

— Como você sabe disso? – Chas ofegou, seus olhos arregalados.

— A Corte de Cosaint tem acesso a todos os dados contidos no Tribunal, jovem. Não foi difícil descobrir quem foram seus verdadeiros pais. - Um arrepio profundo desceu pela coluna de Chas. Por toda a sua vida adulta, ela tinha tentado descobrir sobre sua adoção, mas foi bloqueada pela burocracia. As leis que deveriam ter sido alteradas impediam que ela descobrisse sua verdadeira identidade. Havia desistido a muito tempo de descobrir suas verdadeiras raízes.

— Bem, você que saber? – a Rainha Annalyn perguntou.

— Quem sou eu? – Chas sussurrou, com medo do que ouviria.

— Você é Gréagach. Seu nome Gréagach foi Mylena Kolovos – afirmou a rainha – Seu pai era um proeminente membro do Tribunal Gréagach. Senhor Mykos Kolovos, era seu nome. Ele e sua mãe, Katelina, foram mortos em um acidente de barco no lago Aegia. O capitão do barco conseguiu salvá-la, mas seus irmãos gêmeos morreram afogados como seus pais.

— Capitão Charlton Neff – Chas falou, visualizando o pai adotivo em sua mente.

— A esposa do capitão era estéril e há muito tempo queria um filho. Ao invés de levá-la ao Tribunal, para que fosse enviada a um convento de freiras até que você tivesse idade, eles deixaram Gréigh e imigraram para Meiriceán. Ambos foram veementemente contrários à Caitliceachs, a Verdadeira Fé, não viram problemas em levá-la para longe, e deixar que seus parente distantes pensassem que você havia se afogado com seus pais e irmãos.

— Mas eu sou Protastnúach – Chas protestou – Certamente o Tribunal não...

— Capitão Neff foi da fé Protastnúach e lhe passou esta crença, mas você faz parte dos Caitliceachs do Leste. Você foi batizada em nossa religião. Depois de batizado Caitliceachs,





sempre Caitliceachs, moça. Como tal, a minha Corte não se opõe a uma união entre você e meu filho. Por uma questão de fato, nós conseguimos rastrear sua linhagem materna até a Rainha Medéia, e isso foi suficiente para convencer até o mais teimoso dos meus conselheiros. Chas estreitou os olhos:

— Realeza Gréagach? Você não pode estar falando sério. – ela conseguiu dizer.

— Eu estou falando muito sério. – A rainha inclinou a cabeça para um lado – Você é muito linda, de modo que irá atender ao desejo de Ruan por uma mulher bonita. O menino não pode ter uma bruxa como mãe de seus pirralhos. Tem busto grande e uma cintura torneada, de modo que vai acalmar seus desejos e manter suas mãos ocupadas, fora do cabo da espada. Você é bem treinada em combate e pode se virar, até mesmo contra um assassino Storian primário, assim você não terá medo do temperamento explosivo de Ruan, quando ele sente vontade de exibi-lo. Isso deve cumprir a exigência de meu filho de ter uma mulher à sua altura.

— Sua Majestade, eu tenho...

— Um trabalho que eu acredito que será sua vantagem, assim como meu filho – afirmou a rainha – Como uma Guardiã Riezell, você deve realizar a tarefa que lhe foi dada. Estou certa?

— Sim, mas...

— E o contrato diz que a tarefa deve ser cumprida até quando seu empregador determinar. – Chas franziu os lábios. Não havia necessidade de ela responder. Obviamente a rainha e seus conselheiros Tinham inspecionado o contrato de cima abaixo.

— Eu, particularmente, gosto do lema dos Guardiões Riezell: “Proteger e servir, sem desrespeito a sentimentos pessoais e crenças. Dar tudo de mim, até mesmo minha vida.” – a rainha suspirou – Isso é terrivelmente romântico, você não acha?

— E quando ele descobrir o que você fez? – Chas desafiou – Imaginou a raiva que ele irá sentir? Raiva de você? De mim?

— Ah, bah! – a rainha falou – Deixe-o vociferar o quanto quiser, mas apenas um olhar desses lindos olhos verdes e uma mão em um lugar estratégico, deve acalmá-lo com rapidez suficiente.

A cor voltou ao rosto de Chas e ela cobriu-o com as mãos.

— Isso não pode estar acontecendo.

— Você acha Ruan desinteressante? – a rainha perguntou, erguendo o queixo.



— Não, claro que não, mas...

— Você acha suas maneiras ofensivas?

— Sua Majestade, não, mas...

— Você prefere Daniel Brock que Ruan Cosaint?

— Não, não de todo, mas... – falou Chas, estremecendo.

— Nós temos o seu perfil psicológico. - Chas ficou pálida e sua cabeça girou.

— Vocês o quê? – ela perguntou pelo meio de seus dedos.

— Eu acredito que você fez uma declaração ao psicólogo que o que você deseja de um homem não é o contrário de um corsário de antigamente. – a Rainha Annalyn fez uma careta – Isso não parece em nada com a imagem que tenho de Daniel Brock.

— Sua Majestade, você não deveria...

— Não – disse a rainha, sentando-se ao lado de Chas na cama – Deseja um homem de verdade para aquecê-la à noite, Chastain Neff?

Chas só poderia se embasbacar com a mulher mais velha.

— Você não quer um homem que faça seu sangue ferver em um momento, e depois o faça fluir como mel quando sentir a ponta dos dedos roçando por sua carne? Não deseja um homem que a faça subir na montanha mais alta e em seguida a envolva em seus braços quando retorna a terra?

— Sua Majestade – protestou Chas, sua voz um lamento queixoso...

— Disseram-me que quando ele colocou as mãos em você no mercado, você tremeu como se um raio tivesse lhe atingido. Está correto?

— Embora seja verdade que senti essa corrente elétrica ao seu toque, eu...

— Você não o chamou de Enlil?

— Sim, mas eu não faço a mínima idéia...

— Enlil – a rainha disse – Foi o Senhor Deus Altíssimo dos Ventos, um ancião antigo de Iaráin. Sua esposa era Ninlil, uma mulher fantasma, que no passado havia sido sua amante.





— Isso é só especulação – Chas negou.

— Você já havia escutado este nome antes? Você já havia usado?

— Não, Majestade. O nome foi novo para mim — Chas gemeu com frustração.

— Não, foi o amor chamando o amor, Chastain. Ruan Cosaint é a reencarnação de um amor, muito antigo e ele é o seu homem, moça – disse a rainha, sua declaração não admitindo discussão – E você é a sua mulher. Vocês foram feitos para estarem juntos. O místico disse isso.

— Mas quando ele descobrir que você me contratou para...

— Não conte a ele. – a rainha a agarrou e levantou da cama. Ela alisou a saia do vestido – Os homens não precisam saber tudo que uma mulher faz, jovem. Quanto mais cedo você aprender esta lição, será melhor.

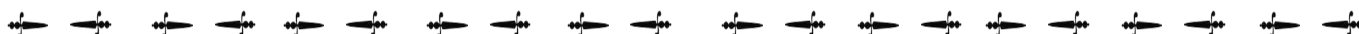
Quando a Rainha Annalyn deixou-a, Chas relembrou as informações sobre sua herança e percebeu que estava chorando. Ela havia tentado, por tanto tempo, descobrir quem era, quem foram seus pais, a razão de Charlton Neff e sua esposa Katelina, terem a adotado. Foi um alívio finalmente ter todas as respostas. Saber que ela tinha sangue nobre? Inesperado e totalmente surpreendente. Não admira que o Tribunal não quisesse que ela soubesse de sua herança. E quanto à afirmação da Rainha Gaelachuan de que Chas e Ruan estavam fadados a serem companheiros? Bem, ela achou que as lágrimas derramadas não eram nada perto do que estava por vir.

CAPÍTULO QUATRO

— Você sobreviveu à visita de minha mãe. – ele falou, enfiando a cabeça na porta do quarto.

— Não foi fácil, mas sim, eu sobrevivi – falou Chas, sorrindo. Ele entrou no quarto, deixando a porta aberta, sem dúvida nenhuma de que era isso que tinha que fazer, e chegou perto de sua cama. Todas as cadeiras haviam sido removidas e Chas não teve dúvidas de que ele estava chateado.

— Ela disse que você ficará aqui por alguns dias – ele falou – É o que você quer ou é porque você não está sentindo-se bem?





— Eu acredito que suas palavras exatas foram: “Você vai fazer o que eu digo, jovem, sem argumentar nada.”

— Sim – ele disse com um suspiro – Isso soa bem típico da minha mãe. Ela é uma formidável galinha velha – pôs as mãos sobre a cabeceira da cama – Quando lhe perguntei qual era o seu nome, ela mandou descobrir por mim mesmo.

— Eu me chamo Chastain Neff, Sua Graça. – ela se apresentou.

— Chastain – ele disse, e seu nome soando de maneira sensual – Eu sou Ruan.

— Sua Graça... – ela começou, mas ele levantou a mão.

— Não, não Ruan Sua Graça. Apenas Ruan – ele corrigiu

— Eu não ousaria...

— Minhas palavras exatas são: “Você vai fazer o que eu digo, moça, sem argumentar nada.” Chas riu, pois o tom imitou perfeitamente o de sua mãe. Combinado com um levantar de sobrancelhas e um olhar ameaçador por trás do brilho de seus olhos azuis, a brincadeira a colocou à vontade.

— Então – disse ele, inclinando-se sobre os cotovelos e apertando as mãos – Minha mãe e eu decidimos que você não trabalhará para o Senhor Piss-On, mas...

— Quem? – Chas perguntou, levantando as sobrancelhas.

— Pierceson Hulburt – Ruan informou – Ele nada mais é do que um galo com pernas. Sua reputação ficaria comprometida somente por ficar meia hora em uma sala com ele.

— Mas eu preciso de um emprego. – Chas protestou – Eu...

— Preciso de uma secretária particular – o Príncipe interrompeu.

— Você já não tem um secretário particular? – Chas perguntou, olhando para ele. Ele deu de ombros e disse:

— Alistair é muito chato, além disso, ele odeia ser chamado de secretário. Ele diz que é muito afeminado, que prefere estar treinando tropas do que andar comigo. Chas olhou para suas mãos e respondeu:

— Mas você não sabe nada sobre mim ou minhas habilidades, Sua Graça – olhou para cima – Eu poderia ser uma secretária horrível. Ele levantou uma sobrancelha:



— Você sabe escrever?

— Sim.

— Calcular?

— Sim, Sua Graça, mas...

— Então você está contratada – deu um passo atrás – Você pode começar assim que minha mãe disser que você está bem o suficiente para levantar da cama.

Chas viu Ruan caminhar até a porta e enfiou o lábio inferior entre os dentes. Suas fontes haviam dito a ela que ele era uma cabeça dura, um homem sem noção, um troglodita. Até agora, ela não tinha visto esse lado dele, mas havia algo na sua maneira de andar que exalava não só poder e autoridade, mas também arrogância. Ruan virou-se da porta:

— Alguma pergunta?

— Não, Sua Graça, eu acho que não – ela balançou a cabeça.

— Bom, então se o “sargento-mor” permitir, você pode me acompanhar até Viridian amanhã. Tenho negócios lá. Tenho certeza que ela irá preparar uma mala para você.

— O “sargento-mor”? – ela questionou.

— Minha mãe – ele bufou – decidiu que você será a próxima moça que ela vai atirar para mim. “Se a realeza falhar, procure por um plebeu que pode ser treinado para ser um nobre”.

Com essas palavras, ele saiu do quarto.



Ruan revirou-se em sua cama solitária, seus pensamentos na mulher bonita que estava dois andares abaixo de seu quarto. Chutou o cobertor, depois puxou para cima, sentou-se socou o travesseiro, deitou sobre ele e então jogou o cobertor no chão. Em seguida o travesseiro também foi para no chão, seguido por outro. Finalmente sentado, o Príncipe passou as mãos pelos cabelos e puxou-os violentamente.



— Argh! – ele resmungou, pôs as pernas para fora da cama e sentou-se na beira e olhou para o tapete. O problema era Chastain, pensou ele. Sim, era isso que estava causando sua insônia. Era verdade que ele nunca tinha visto uma mulher mais bonita que ela. Ele sabia que ela já havia grudado em sua pele. Que sua mãe tivesse lhe dado um tipo de castigo o incomodava, mas, novamente, a velha tinha apenas as melhores intenções no seu coração. Chastain. Até mesmo o nome encheu sua alma com imagens da loira de cabelo longo e sedoso, enrolados acima de seu quadril torneado, de sua cintura fina e barriga lisa. Lindos olhos verdes, da cor de um milho maduro no final da primavera. Seios exuberantes que faziam os olhos de um homem olhar para eles como flecha em uma mosca. Pernas longas e bem torneadas, braços delgados, pescoço de um cisne. E o rosto dela?

Ruan sugou a respiração quando levantou a cabeça e olhou, sem enxergar a parede a sua frente. Que rosto ela tinha, ele pensou. Suave, emoldurado pelo cabelo dourado brilhante, os gloriosos olhos ligeiramente puxados, um nariz levemente arrebitado, lábios viçosos que convidavam um homem a provar sua doçura, um queixo pequeno e bonito enfeitado por uma covinha sedutora. Ruan estremeceu e ficou de pé. Caminhou descalço até a janela, empurrou as cortinas e olhou para o pátio iluminado pela lua. Uma fragrância de rosas enchia o ar e rivalizava com um leve cheiro de sal, que flutuavam nas ondas da meia-noite do Mar do Norte. Se prestasse atenção, ele podia ouvir o rugido do mar e... risadas? Ele franziu o cenho e abriu a janela, enfiando a cabeça para fora, até que o som que chamou sua atenção fizesse sentido para ele.

— Daval... – disse ele, chamando seu irmão mais novo. Daval estava correndo pelo pátio escuro, atrás de uma empregada. Ambos estavam nus como no dia em que nasceram.

— Seu pequeno bastardo – Ruan riu e agachou-se, seus cotovelos apoiados no parapeito da janela, para poder espiar seu irmão menor. A moça era muito mais velha que Daval e, como Ruan bem sabia, extremamente conhecedora destes jogos sexuais. Ela estava levando o jovem príncipe para o fundo do jardim, alheios que qualquer pessoa poderia estar assistindo a brincadeira sobre a lua que brilhava como um farol. Seu traseiro nu brilhava na luz da lua e tomou conta de seu corpo como se estivesse vestida com seus raios.

E Daval? O filho da puta foi rindo por todo o caminho, sem cuidado nenhum. Sua peruca estava pulando de um lado para o outro, em uma imitação de seu pai, e bateu em sua barriga, antecipando o banquete que, sem dúvida, ia ter. Ruan não pôde deixar de rir quando o jovem esfregou seu peito quase sem pêlos e, em seguida, agarrou seu pênis evitando que ele ficasse tão dolorido. Daval olhou para trás, deu de ombros, pegou velocidade e correu atrás da moça, ainda segurando seu pênis. Os dois estavam sendo extremamente silenciosos, para não despertar os que estavam dentro da casa, mas às vezes, um riso mais alto irrompia do labirinto de arbustos.

— Eu espero que você finque um espinho em sua unha, seu desgraçado! – Ruan sussurrou – Ou em seu pau, irmão mais novo.



O casal parou ao lado de uma fonte, onde uma cascata de água borbulhava abaixo de uma grande estátua de São Padris. Deitando-se na borda da fonte, a moça levantou uma das pernas e estendeu os braços para seu jovem amante.

— Sob a estátua de um santo?! – Ruan disse e assobiou – Você vai para o inferno com certeza, Daval Cosaint!

Mas o que seu irmão mais novo fez a seguir, deixou Ruan chocado e de boca aberta, mas ele não tiraria os olhos daquela cena nem sob tortura. Daval caiu de joelhos ao lado da fonte e enterrou seu rosto no colo da moça, não deixando nada para a imaginação. As mãos da menina estavam nos cabelos do rapaz, segurando sua cabeça no meio de suas coxas, e uma das mãos de Daval, apertou seus seios, como se estivesse experimentado um melão maduro.

— Pela Deusa – sussurrou Ruan e percebeu que a menina... *Como diabos era o nome dela?* ... olhava fixamente para ele, um sorriso esticado em na boca. Enquanto ele observava, ela colocou uma mão em seu peito e circulou o mamilo com o dedo indicador. Puxou-os e em seguida, colocou o dedo na boca para molhá-lo antes de devolvê-lo ao peito. Ruan sentiu a virilha apertar e nem sequer tomou consciência que sua mão segurou seu pau duro, no meio das coxas.

Daval estava distribuindo beijos acima e abaixo das coxas da moça e em seu ventre. Seus lábios sugaram um mamilo escuro e pareceu ficar lá um longo tempo, enquanto a menina desceu sua mão até a vagina, tocando-se. Ruan gemeu. Seus olhos estavam sobre eles, suas mãos continuavam no meio de suas pernas, seus quadris arqueados para cima, enquanto Daval continuava mamando seu peito, um primeiro, depois o outro.

Observando a moça a abaixar e levantar seus quadris, recuperou o fôlego quando Daval estendeu a mão e colocou os dedos onde antes os dedos dela estavam. Ruan começou a respirar depressa e superficialmente, o que o deixou tonto. A pressão de sua própria mão em seu pau havia aumentado e, em algum momento ele colocou os dedos ao redor de sua cabeça latejante. Ele olhou os olhos bronze da menina sapeca e não viu o cansaço nem o velho sorriso aperfeiçoado pela empregada. Ao invés disso, viu a linda Chastain de olhos verdes, olhando para ele com fome. Ele aumentou a velocidade de sua mão, apertou e relaxou um pouco, apertou e relaxou mais ainda quando puxou seu pau para cima. O atrito fez sua testa suar.

— Chastain... – ele sussurrou, uma sensação de frio na barriga espalhando-se para baixo, para seu pênis. A moça abriu a boca e passou a língua pelos lábios, molhando-os quando Daval jogou-se por cima dela, enfiando seu pau dentro dela, até o fundo. Mesmo observando à distância, Ruan pôde ouvir a satisfação da moça e o gemido de prazer de Daval.

Balançando a moça para frente e para trás, enquanto ele esforçava-se para chegar ao clímax, Daval ignorava que seu irmão mais velho estava observando como um veado no cio. Nem estava ciente que a cada golpe que dava, Ruan o imitava. Desviando o olhar da moça - *Que diabos, qual era o nome dela?* - Ruan olhou para a bunda de seu irmão mais novo. Os músculos contraindo-se enquanto ele bombeava dentro de sua amante noturna. Ele soube o momento exato em que Daval chegou ao clímax, pois ele mesmo chegou logo em seguida. E foi tão violento e insatisfatório, que lhe trouxe lágrimas aos olhos.



Uma hora mais tarde, Ruan saiu da janela. A masturbação era reprovada pelos sacerdotes e, embora ele tivesse feito isso diversas vezes quando jovem, não havia sentido necessidade de masturbar-se por muitos anos. Um guerreiro não precisava fazer isso quando havia numerosas prostitutas com mãos e lábios ávidos e vorazes. Foi Chastain, pensou ele, quando finalmente cambaleou até a cama. Foi o pensamento de seu corpo delicioso que o levava a tal vergonha. E ele sabia que de uma forma ou de outra, teria que satisfazer o desejo que se agitava dentro dele cada vez que pensava nela.

CAPÍTULO CINCO

— Ele sabe o que a senhora está planejando, Sua Majestade – Chas avisou a Rainha, na manhã seguinte, enquanto estava sendo vestida por suas damas de companhia.

— Oh, ele acha que sabe, mas quando você esbofeteá-lo esta tarde, por tentar seduzi-la em Viridian, ficará confuso – respondeu a Rainha.

— Esbofeteá-lo? – Chas ofegou – Milady, eu não poderia...

— Oh, inferno. Sim, você pode. O menino está acostumado a ter qualquer mulher em sua cama no momento em que sorri para elas. Elas atiram-se, ele estando interessado ou não. Que eu saiba, nunca foi recusado. Ele teve mais mulheres em sua cama que seus quatro irmãos juntos! Agora, não uma mulher que o faça trabalhar para ganhar seu interesse o mais rápido que puder.

— Então eu terei que afastá-lo quando ele tentar... – Chas falou, estremeando.

— Não. – a Rainha falou – Você o esbofeteará o mais forte que puder. Acredite em mim quando digo que ele vai tomar isso como um desafio e virá atrás de você com todas as suas armas. É hora de ele ser a caça, ao invés do pássaro cair em seu colo.

Muito tempo depois da Rainha e suas damas terem deixado seu quarto, Chas estava na janela olhando para o pátio da opulenta Casa Sciath. Danny Brock tinha dito a ela que o palácio era magnífico, mas sua descrição não era nada comparada com a realidade.

— Uma moeda por seus pensamentos. – Chas virou-se ao som da voz de Ruan e sorriu para ele.

— Eu estava pensando em como sua casa é linda! – disse a ele.

Ele parou ao lado dela, olhando para fora.



— Minha mãe manda em seus jardineiros como manda em seus filhos. Uma folha de grama, um galho ou uma flor que não esteja em conformidade com seu senso de organização, serão cortados, arrancados ou dobrados.

— Seus filhos são facilmente dobrados? – perguntou delicadamente. Ruan virou-se para ela e estendeu as mãos para passar as costas de seus dedos por seu rosto.

— Este não é – ele respondeu, e abaixou a cabeça na direção dela, mas Chas deu um passo para trás, abrindo um espaço entre eles.

— Você já foi lá fora hoje, Sua Graça? – perguntou ela, indo até a cama para pegar o xale que havia sido deixado para seu uso – Será que eu preciso disso?

O príncipe herdeiro encolheu os ombros.

— Viridian é na costa então é melhor levá-lo – respondeu ele – minha mãe providenciou um cavalo e roupas para você usar.

Chas passou o xale sobre os ombros e pegou uma bolsinha.

— Estou pronta então, Sua Graça. - Ele olhou para ela por um longo momento, estreitando levemente os olhos e em seguida, caminhou até a porta.

— Vou encontrá-la no pátio – disse ele – Você cavalga?

— Sim, Sua Graça, eu cavalgo – ela queria perguntar por qual razão não estavam tomando uma nave. Viridian ficava a vinte milhas da Casa Sciath, mas ele já saía pela porta, o salto da bota ecoando sobre o chão de mármore do corredor. Ruan enfiou as mãos nos bolsos de sua calça e saiu caminhando pelo corredor. Então, ele pensou, cerrando sua mandíbula, a moça atrevida ia jogar duro. Bem, essa era uma situação nova. Certamente não estava em seus planos. Bastou olhar para ela e teve uma ereção tão forte que precisava ser aliviada. E ele não tinha intenção nenhuma de ir até Viridian nessa condição.

Lúcia, a empregada Spáinneach, que naquele momento estava limpando seu quarto, havia se oferecido mais cedo. Se ela ainda estivesse lá, seria um alívio e poderia viajar sem este problema. A beleza parda ainda estava no seu quarto, seu traseiro bem torneado se destacando quando ela curvou-se sobre a cama para arrumar o cobertor. Ela olhou ao redor quando ele entrou no quarto, chutando a porta, que se fechou atrás dele.

Ruan já estava desabotoando suas calças, com uma velocidade impressionante. Lúcia sorriu e virou-se de costas, apoiando as mãos ao lado de sua cama quando ele se aproximou dela, empurrando-a para baixo, sobre a borda da cama, com uma mão enquanto continuava a abrir a calça com a outra. Empurrando as saias da empregada para cima, Ruan libertou seu pênis das calças, arrastou seus pés e afastou as pernas de Lúcia.

Com a bunda arredondada da Spáinneach para cima, Ruan empurrou seu pênis em sua vagina com mais força do que pretendia, pois ela gritou. Ele murmurou um pedido de





desculpas, o que o surpreendeu, pois tal comportamento não era normal nele. Então, deslizou uma mão até ela, agarrou seu ombro e começou a empurrar. Fechando os olhos, ele substituiu os cabelos cor de ébano da mulher que se balançava, pela longa trança loura de cor ouro pálido de Chastain Neff. Ao invés do cheiro de sabão áspero e mobiliário polonês que emanava da empregada, ele imaginou sentir o delicado aroma de gardênia que tinha sentido em Chastain. Ao invés dos grunhidos guturais que emitia, ele imaginava os suaves suspiros que tinha emitido quando beijara os lábios de Chastain, enquanto ela estava inconsciente e a levava para Sciath.

Entrando e saindo do corpo de Lúcia, que sempre o agradou, Ruan estava se esforçando para gozar. Ela o apertou, para lhe dar prazer. Ele não tinha que fazer mais nada, além de sorrir para que ela caísse de joelhos diante dele. Bem treinada nas artes de uma prostituta, os lábios de Lúcia eram talentosos e sua boca era uma caverna molhada que o chupava melhor do que qualquer outra mulher que havia conhecido. Talvez fosse esse músculo que precisava, ao invés do inferior.

— Chupe-me – ordenou ele, saindo de dentro dela e afastando-se.

Lúcia não questionou sua ordem, apenas caiu de joelhos e virou-se para encará-lo. Chegou perto dele e levou-o a boca. Envolvendo a cabeça de seu pênis com os lábios, ela olhou para cima, através de seus cílios, lambendo sua carne dura sem esforço. Ele enrolou os cabelos dela em seus dedos. Balançou os quadris contra os lábios que não eram vermelhos, mas sim da cor de coral, não precisando de artifícios para deixá-los deliciosos. Suas mãos se moviam por entre os cabelos grossos, mas em sua imaginação, os cabelos eram sedosos.

A empregada enfiou o pênis de Ruan até a garganta. Ele podia sentir a cabeça roçando no fundo dela. Sua respiração tornou-se dura, rápida, mas a satisfação que buscava parecia fora de seu alcance. Ele gemeu, precisando de algo que não estava recebendo e não entendia por quê. Lúcia colocou as mãos no meio de suas pernas e tocou suas bolas delicadamente. Apertando levemente, ela deslizou seu dedo médio até a base de seu pênis e pressionou para cima. Ruan começou a suar. As gotas destacando-se sobre a testa e o lábio superior. Ele sentia-se quente, precisando de um banho, mas esforçou-se para gozar, problema que nunca havia tido antes.

Isso não aconteceu, até que Lúcia deslizou o dedo em sua bunda, então ele explodiu em sua boca. Mas a satisfação que normalmente sentia, não estava lá e, quando se afastou dela, abaixou a cabeça e puxou a respiração. Lúcia não pareceu se importar por não se satisfazer. Ela engoliu a porra e virou a cabeça para o ombro, limpando os lábios no vestido. Ficando onde estava, ela olhou para o príncipe, aguardando suas ordens.

Ruan fitou os olhos negros da moça e sentiu uma vergonha, tão sem sentido que vacilou. Ele guardou seu pênis rapidamente, os dedos voando para os botões da calça. Virando as costas para a moça ajoelhada, foi até a porta e abriu com força suficiente para arrancar seu braço direito. Amaldiçoando a dor aguda que sentia, ele quase correu pelo corredor, andando tão rápido que tropeçou algumas vezes. Chas olhou para cima e viu o príncipe Gaelach caminhando em sua direção. Seus olhos estavam frios, sua mandíbula cerrada, e quando passou por ela sem uma saudação, suas sobranceiras arquearam-se. Ela





sabia que ele estava com raiva assim que o viu. O homem agarrou a parte mais alta da sela e saltou sobre ela, o cavalo empinando.

— Milady – disse o cavaleiro, oferecendo a mão para Chas. Franzindo a testa, pois seria necessário montar de lado – uma posição que ela não gostava – ela olhou para frente e aceitou a mão do cavaleiro. Colocou o pé no estribo, impulsionando-se desajeitadamente e enganchando a perna direita na parte mais alta da sela, equilibrando-se, o peso ficando todo na coxa direita.

— Você não gosta de cavalgar de lado. – disse Ruan.

— Não, não gosto – respondeu Chas.

— Você gostaria de andar como um homem – o príncipe zombou – mas isso é muito difícil de fazer usando uma saia de babados como essa, hein?

— Eu vou cavalgar de lado, Sua Graça – Disse Chas, erguendo o queixo.

— Se você cair de bunda, não espere que eu pare e lhe ajude. – disse ele e pôs o cavalo em movimento. Chas continuou montada por um momento. Depois olhou para um cavalo que aguardava para ser montado. Ela apontou para o garanhão e perguntou:

— Este cavalo está preparado para alguém?

— É um dos cavalos do príncipe Ruan. Nunca sabemos qual ele vai preferir montar e... – disse o cavaleiro, franzindo o cenho. Antes que o cavaleiro completasse sua explicação, Chas já havia pulado do cavalo e caminhava em direção ao garanhão do príncipe.

— Milady – disse o cavaleiro, balançando a cabeça e coçando o queixo. Então ele assistiu, incrédulo, enquanto Chas estendia o braço, agarrava a sela e montava. Sem olhar para o cavaleiro, ela esporeou o garanhão e cavalgou atrás do dono, que já tinha uma boa vantagem. Ruan olhou para o lado, quando cascos trovejantes passaram por ele. Piscou, reconhecendo seu próprio animal, então olhou para a mulher sentada, as saias do vestido arregaçadas, mostrando boa parte de suas pernas bem torneadas. Ele arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada, apenas apertando as costelas de sua montaria, para torná-la mais rápida.

Mas a mulher cavalgou ao seu lado, inclinando-se sobre a montaria, mantendo o mesmo ritmo dele, os cavalos combinando um com o outro, passo a passo, as milhas desaparecendo atrás deles. No momento em que o letreiro, anunciando Viridian, ficou à vista, os dois cavaleiros galoparam juntos, nenhum olhando para o outro.

Chas podia sentir a raiva assolando o corpo musculoso de Ruan Cosaint. Sua boca, uma linha branca e seus olhos se estreitaram. Apesar de suas mãos terem soltado as rédeas, ela podia sentir a tensão pela maneira que ele estava sentado na sela, reto como uma flecha. Atrasando seu passo quando entraram na aldeia costeira, Chas respirou profundamente o ar, pulverizado de sal. Ao contrário da Baía Gaillimh, com seu aroma pesado de vida marinha,





Viridian tinha um aroma agradável e as águas eram de um exuberante azul turquesa. Ao lado dela, o príncipe diminuiu o galope e foi então que ela percebeu que tinham ultrapassado seus guardas, deixando-os para trás. Olhando sobre o ombro, percebeu a escolta de cinco homens se aproximando, poeira voando ao redor deles.

— Você é sempre tão desdenhoso com sua segurança, Sua Graça? – perguntou ela, mas recebeu apenas um bufo feio como resposta. Ruan a levou para a pousada onde passariam a noite. Ele parou sua montaria, em seguida passou uma perna por cima da cabeça do cavalo, deslizando para baixo com uma graciosidade que Chas não pôde deixar de admirar. Ela desmontou antes que ele tivesse a chance de ajudá-la e, quando ficou de frente para ele, viu seus lábios se contorcerem. Se foi de diversão ou aborrecimento, ela não soube dizer, pois seus olhos estavam encobertos quando ele se virou e seguiu para a pousada.

O guarda se aproximou quando Chas alcançou a porta da pousada, franzindo a testa, ela percebeu que ele não ia segurar a porta para ela. Ele a fechou assim que entrou no estabelecimento. Ela entrou a tempo de ouvir o príncipe ordenar dois quartos contíguos. Ele a ignorou quando ela se juntou a ele na escrivaninha do estalajadeiro. Podia sentir os olhares dos que estavam na sala e ouvia os sussurros que incluíam a palavra “concubina”. Aparentemente, Ruan já havia escutado o rótulo, pois voltou os olhos pela sala, com um desprezo mal disfarçado.

— A senhora que me acompanha é da casa real de Cosaint. Existe alguém, entre vós, que gostaria de repetir o insulto em voz alta para que eu possa tomar alguma providência? - Um silêncio chocado tomou conta do ambiente perante o desafio do príncipe e os olhos foram abaixando-se, os rostos ficando vermelhos ou brancos, dependendo do sexo da pessoa. Quando ninguém falou, Ruan Cosaint assentiu, seus olhos se estreitando em finas fendas de frieza.

— Eu achei que não – ele disse e virou-se para o lado do estalajadeiro com um olhar ameaçador – Preparem um banho para a senhora e depois, um para mim. Queremos jantar sozinhos, então se você tiver clientes que desejem utilizar a sala de jantar esta noite, eu sugiro que você desencoraje-os.

— Às suas ordens, Sua Graça – concordou o dono da pousada, a cabeça balançando para cima e para baixo, torcendo as mãos. Ruan falou com os guardas que haviam entrado atrás deles:

— Fale com o prefeito Cronin e diga que vou encontrar com ele amanhã, às nove horas da manhã. Espero que um pequeno café da manhã esteja à espera quando subirmos. Está claro? O chefe da guarda golpeou o peito sobre o coração, com o punho e respondeu:

— Ao seu comando, Sua graça.

— Desta forma, milady – o estalajadeiro contornou a escrivaninha e estendeu a mão, para mostrar o caminho. Chas olhou para trás, enquanto seguia o estalajadeiro, subindo as escadas e viu Ruan entrando no que ela sabia ser a choperia. Ela franziu o cenho, pois era muito cedo





para tomar bebidas fortes. Uma varredura de seus olhos bem treinados ao redor do quarto, não encontrou nenhuma ameaça evidente e ela relaxou um pouco, sabendo que os guardas impediriam a entrada de qualquer pessoa enquanto se refrescava e tirava a poeira da estrada.

Quando estava ensaboando seu longo cabelo, na profunda banheira de cobre, a porta de seu quarto abriu e ela engasgou ao enxergar o príncipe em pé, metade de sua camisa branca aberta no peito. Ao lado dele, sob a proteção de seu braço, estava uma mulher que nada mais era que uma prostituta comum.

— Chastain, conheça Chastity³ – disse Ruan, suas palavras arrastadas. Ele sorriu e ergueu a garrafa que tinha em sua mão livre, até os lábios e tomou um gole.

— Eu duvido que o nome seja apropriado, milorde – Chas respondeu. Seus olhos se voltaram para a prostituta.

— Meu nome é Charity⁴ – a menina corrigiu.

— Ajuda e assistência aos necessitados – Chas definiu o nome – Imagino que isso se encaixa.

— Eu faço o que posso – disse a menina, com uma risadinha e jogou a cabeça para trás quando a mão do príncipe acariciou seus seios. Continuando a ensaboar seu cabelo, Chas ignorou a dupla na porta. A espuma do banho a escondia dos ombros para baixo e, ao menos que Ruan se aproximasse da banheira, ele não podia ver nada além de seus braços delgados.

— Como você se sente sobre um *ménage a trois*, Chas? – o príncipe perguntou, com um olhar lascivo.

— Eu prefiro meus homens sozinhos, Sua Graça – Chas respondeu – Mande a prostituta embora e vamos discutir o assunto.

— Olha aqui! – Charity assobiou – Quem você está chamando de prostituta?

— Ou leve-a para seu quarto, Sua Graça, ou mande-a embora. Eu não compartilho meu corpo, nem mesmo para um príncipe Caitliceachs.

Ruan estava agindo como um bêbado estrondoso, mas não estava bêbado o suficiente para não compreender o desafio, dito em um tom claro, de Chas. Ele inclinou a cabeça para o lado e estudou a encantadora mulher, deitada no meio das bolhas de espuma. Ela estava ignorando-o e quando escorregou na banheira para lavar seu cabelo, ele sentiu seu pênis endurecer.

³ Chastity pode ser traduzido para o português como pureza, castidade, decência...

⁴ Charity pode ser traduzido entre outros termos, como caridade ou esmola. Uma Charity girl seria uma garota promíscua.





— Vá encontrar o chefe de minha guarda e diga-lhe para lhe pagar bem por esta tarde, Chastity. – disse Ruan, deslizando seus braços pelos ombros da prostituta. Brincando, ele bateu de maneira dura, no amplo traseiro da moça e em seguida, levou-a para fora do quarto, o que produziu um “O” de surpresa quando bateu a porta na cara dela. Chas levantou a cabeça da água, se sentou na banheira, revelando seus ombros e um colo branco, os mamilos mal escondidos por baixo da espuma.

— O nome dela é Charity – disse ela, não olhando para ele quando ele cambaleou até a banheira. Ruan se agachou ao lado da vasilha de cobre e colocou suas mãos sobre a borda. Apoiou o queixo na mão direita e ficou olhando para ela, enquanto Chas ensaboou um pano de lã e passou em seu braço.

— Você é linda. – sussurrou o príncipe enquanto tentava ver sob as bolhas de espuma.

— Obrigada pelo elogio, Sua Graça – disse ela, lançando-lhe um rápido olhar. Não gostou do que viu, pois seus olhos estavam vermelhos e um brilho de suor pontilhava seu lábio superior.

— Eu quero foder você – disse ele.

— Eu não gosto deste tipo de linguagem. – informou quando ele serpenteou a mão e agarrou-lhe o pulso, desmentindo as condições de seus reflexos. Ela sentiu a força em seu punho e seu coração bateu, pois homens bêbados eram difíceis de controlar.

— Agora, moça – ele frisou e tentou puxá-la para ele. A bofetada ecoou forte no quarto, ainda mais pela umidade escorregadia na palma da mão de Chas. A força foi tão grande que desequilibrou Ruan e ele caiu para trás, sobre a bunda, o que fez com que apoiasse o pulso, que havia machucado mais cedo, no chão. Ele gritou e agarrou o braço, enquanto lágrimas de dor lhe inundavam os olhos.

— Nenhum homem me trata assim, Sua Graça. – disse Chas, entre dentes cerrados – Nenhum. Nem mesmo você.

Ele olhou para ela, incapaz de falar, quando se levantou da água e olhou-o de cima. Gotejando água da cabeça aos pés, a espuma deslizando pelo corpo exuberante, ela era uma encarnação de Deusa saindo do mar. Com seus longos cabelos dourados enrolados ao redor dos quadris torneados, os olhos verdes piscando, era um espetáculo de ser visto.

— Eu... eu sinto muito. – ouviu-se dizer e as palavras o surpreenderam, pois desculpas não vinham naturalmente para homens Gaelachuan, especialmente os membros da família real. Ela levantou uma de suas pernas longas e saiu da banheira, escorrendo água pelo chão. Parando acima dele, o olhar tempestuoso rivalizando com seu de surpresa.

— Se você quer fazer amor comigo, pergunte de forma cavalheiresca. Eu não vou ser tratada como uma vagabunda qualquer e detesto a palavra usada para descrever a relação que você





gostaria de ter comigo. Nunca, mas nunca mais use essa palavra comigo novamente. Está claro?

Ele não poderia fazer mais nada que assentir, pois sua atenção estava vidrada no triângulo de cachos dourados, na junção de suas coxas. Parecendo uma seta, apontava para o local de seu evidente desejo, acenando com se fosse o chamado de uma sirene. Ele desejava levantar a mão e tocá-la, mas temia que ela quebrasse sua mão se tentasse. Embora Chas tremesse dos pés à cabeça, ela recusou-se a deixá-lo perceber sua condição.

Passou elegantemente por ele, deixando bolhas de sabão onde pisava. Seus pés batiam levemente contra o chão de madeira quando vestiu a camisola, que colocou em seu corpo molhado, envolvendo a cintura delgada. Ruan conseguiu apoiar-se com o cotovelo do braço esquerdo, pois ele estava segurando o pulso direito com sua mão esquerda e ficou de joelhos, olhando-a estupidamente.

— Eu quero um homem que me corteje, não que me estupe. – Ouviu-a dizer e ergueu o olhar para seu rosto bonito. Ela estava de pé, com os braços ao lado do corpo, viçosa, os lindos seios delineados contra a seda verde pálida do vestido. O vestido molhado estava agarrado ao seu corpo e a proeminência de seus mamilos lhe deu água na boca – Eu posso não ser da realeza Gaelach, como você disse para as pessoas na sala, mas tenho meu orgulho, Sua Graça. Eu sei do meu próprio valor.

Ele morria de vontade de tomá-la em seus braços e abraçá-la. Estava tremendo com essa necessidade, e a ereção que o atormentara a maior parte do dia estava de volta em forma de pedra. Queria beijá-la até que ela desfalecesse e então...

— Talvez você deva ir agora, Sua Graça. – Ela recomendou. Quando ele hesitou, ela reiterou a sugestão. Foi difícil levantar, mas ele foi capaz de fazê-lo. Seu pulso pulsava tanto quanto seu pênis, mas pelo menos ela não estava olhando para aquele valente soldado acenando sua baioneta para ela. Seu escrutínio fundiu-se com seu olhar desnortado. Embora seu rosto ardesse e seu cóccix doesse devido ao pouso forçado, sabia que merecia. Mas sentiu a dor de seu constrangimento mais do que qualquer outro desconforto.

— Eu bebi muito. – Disse ele e poderia ter gritado enquanto cambaleava como um jovem inexperiente.

— Sim, Sua Graça, você bebeu. – Ela concordou enquanto caminhava até a porta e a abria.

— Perdoe-me. – Ele murmurou enquanto passava por ela e saía do quarto.

— Eu já perdoei, Sua Graça. Peça a alguém para ver sua mão. – disse ela. Ele se virou quando chegou no corredor e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ela já tinha fechado a porta na sua cara. Ruan ficou parado e olhou para a porta como se ela fosse um objeto nunca visto antes. Ninguém, nem mesmo a mulher macho que era sua mãe, tinha fechado a porta na sua cara. Nenhuma mulher jamais o rejeitou antes. Se sentia completamente além de sua





experiência com as mulheres. Com se Esso tivesse levado para um buraco negro em um novo e estranho universo. Ele caminhou pelo corredor, balançando a cabeça.

CAPÍTULO SEIS

Chas estava completamente vestida quando vieram bater na porta de seu quarto mais tarde naquela noite. Era hora do jantar e ela estava faminta. Um cheiro delicioso flutuou até ela nas últimas horas, vindo da escada e seu estômago roncava, sua boca salivava com os aromas suculentos que entravam por suas narinas. Foi o chefe da guarda que estava na porta, preparando-se para bater novamente quando ela a abriu. O rosto do homem estava muito branco, mas ela também viu um brilho na sua palidez.

— Príncipe Ruan envia seus cumprimentos e solicita que jante com ele, milady – disse o homem.

— Preciso do meu xale? – ela perguntou.

— Com sua licença, milady, mas eu acredito que não precise. A sala de jantar está aquecida, a pedido do príncipe. - Chas entabulou uma conversa com o chefe da guarda, cujo nome ela descobriu ser Patrick Murphy. Ele era o guarda-costas do príncipe Ruan desde que ele tinha oito anos de idade.

— Ele era uma pessoa difícil? – ela perguntou ao homem que parecia ser bem mais que um guarda-costas.

— Ele ainda me faz correr muito – Patrick admitiu – Foi um alívio quando a rainha decidiu ir ao Tribunal e contratá-la.

Chas parou. Seus se arregalaram quando ela olhou para o chefe da guarda.

— Você sabe quem eu sou? – ela perguntou. Patrick balançou a cabeça.

— A rainha me contou, pois é meu dever proteger o Príncipe Ruan. Ela foi discutir suas qualificações comigo e perguntou se eu achava que você era parecida com ele mesmo – ele sorriu – E é, em muitas maneiras que não são relacionadas com trabalho, eu diria.

Piscando, Chas lhe perguntou o que aquilo significava.





— A rainha acha que você seria uma excelente nora. O místico pensa assim também e a Rainha Annalyn coloca muita fé nas runas.

— E se eu não estiver interessada em ser a noiva do Príncipe Ruan? – ela perguntou, sua mandíbula apertada. O chefe da guarda riu, antes de tossir para esconder uma risada.

— Essa é uma decisão sua, milady – ele finalmente disse e seu tom de voz não deixou dúvidas na mente de Chas de que ele pensou que ela estava querendo cair fora. Ele abriu a porta da sala de jantar. O cheiro envolveu Chas como um amante quando ela entrou na sala. Príncipe Ruan estava parado de pé, próximo a cabeceira de uma imensa mesa, cheia de diversos pratos que fizeram a fome de Chas aumentar ainda mais.

— Minha mãe disse que estes são seus pratos favoritos. Eu não sei como ela descobre estas coisas, mas... – Ruan disse, estendendo as mãos sobre os pratos. Ele deu um passo para o lado direito da mesa e puxou uma cadeira. Ela caminhou até ele e sentou no lugar que ele ofereceu. Quando empurrou a cadeira até a mesa, ela sentiu seus dedos tocando levemente seus ombros e, mais uma vez, uma corrente elétrica atravessou seu corpo. Ela virou a cabeça para vê-lo sentar em sua própria cadeira.

— Eu dispensei os empregados então nós mesmos teremos que nos servir – disse ele – Espero que goste do vinho.

Silenciosamente, sem nenhuma palavra sobre o que havia acontecido antes, eles passaram entre eles tigelas e pratos de comida. A conversa era leve e relativa apenas a temas mundanos como o frio fora de época e a abundância de safras que não haviam amadurecido o suficiente para permitir que os agricultores ganhassem seu dinheiro. Quando a última garfada de carne suculenta havia sido consumida e a sobremesa servida, Ruan se levantou e puxou a cadeira para ela.

— Me disseram que os jardins daqui são lindos à noite. Gostaria de dar um passeio? – ele perguntou.

— Eu acho que deveria buscar meu xale – disse ela, mas ele já estava balançando a cabeça. Ele foi até a lateral da mesa, pegou um pacote e voltou para o lado dela.

— Tomei a liberdade de comprar isso para você. – Chas não tinha como saber que o príncipe havia passado a tarde procurando nos mercados de Viridian algo para dar a ela como uma oferta de paz. Ela também não sabia que Ruan Cosaint nunca tinha presenteado nenhuma mulher, exceto sua mãe e suas irmãs. Quando abriu o pacote e descobriu um lindo xale de lã, tecido no padrão Gaelachuan, intrincado de nós, seu rosto se iluminou e ela olhou para ele.

— É adorável! – ela proclamou.

— Não tão adorável quanto a mulher que vai usá-lo – disse ele em voz baixa.





Chas amarrou o xale de marfim, com um nó e, em seguida, tomou o braço que Ruan oferecia. Ela andou com ele em direção as largas portas Francach e em seguida saíram para a fria névoa da noite. Eles não falaram enquanto caminhavam pelo jardim, que exalava um perfume doce. A mão livre dele cobria a dela, acariciando seus dedos.

Acima, a lua estava cheia e brilhava com uma tonalidade dourada que iluminava suavemente o caminho de pedras entre os canteiros. Quando chegaram ao final do caminho, estavam de frente a um enorme portão de ferro, de onde enxergavam as ondas do Mar do Norte bater delicadamente contra as falésias. Ela soltou o braço do dele e estendeu a mão para e enrolou os dedos ao redor do portão.

— Eu nunca estive tão ao norte – disse ela. Ele parou atrás dela, seus corpos se tocavam levemente.

— Eu treinei aqui perto – disse ele – Eu não vinha para cá desde então, mas sempre pensei que gostaria de ter um lugar nesta cidade, para vir durante o verão.

O calor de seu corpo era inebriante e ela recostou-se contra ele, fechando os olhos quando ele passou as mãos por sua cintura e a pressionou entre seu corpo sólido e o portão.

— Você quer dizer a sua formação com a Ordem de Taibhse? – perguntou ela.

— Sim, era semelhante, penso eu, à sua formação.

— Minha formação? – disse ela, tensa. Ele apoiou o queixo no ombro dela.

— Você acha que eu não estou a par dos feitos de minha mãe e seu bando de vereadores felizes? – perguntou ele, deslizando as mãos sobre seus braços e puxou-a para mais perto dele – O meu negócio é saber até onde aquela galinha velha é capaz de ir.

Ela tentou se virar, mas ele a apertou mais.

— Se você sabia o tempo todo quem eu era...

— Eu só descobri esta tarde, quando voltei do mercado – disse ele e ela detectou uma nota de frieza em sua voz – Meus espiões levaram muito tempo para descobrir esta informação.

Ela queria encará-lo, para ver seus olhos enquanto ele falava. Mesmo na brilhante luz do luar, ela achou que poderia esconder seus sentimentos se pudesse olhar no seu rosto.

— Então, o que você está disposta a fazer, pequena Guardiã Riezell, para cumprir seu contrato com minha mãe e sua corte de bobos? – Não havia como negar a frieza agora. Sua voz tinha um tom duro e quebradiço, e a rigidez de seu abraço sugeria que ele já havia se distanciado dela, embora seu corpo estivesse pressionado no dela.





— Houve atentados contra sua vida e a rainha pensou que...

— Ela sabe muito bem que eu posso cuidar de mim mesmo! – disse ele, soltando-a e dando um passo para trás. Quando Chas se virou, ele estava com as mãos nos bolsos de suas calças, em uma postura defensiva. Não olhava para ela, mas sim para a superfície do mar enrodilhada pela lua.

— Você está assim porque sua mãe acha que você precisa de mais proteção ou porque ela escolheu uma mulher para protegê-lo? – ela perguntou. Ele virou a cabeça e atravessou-a com um olhar duro que enviou um arrepio à sua espinha.

— Minha mãe vem tentando me empurrar uma mulher desde que cheguei à maioridade. O excesso de desculpas que ela oferece encheria uma instituição mental de bom tamanho. Eu lhe disse que iria escolher minha própria esposa, mas ela me ouve?!

— E você está furioso porque ela me escolheu para oferecer a você? – disse ela, magoada até o fundo do coração.

— Oh, você é perfeita para mim – disse ele, afastando-se dela novamente – Com seu treinamento, você não será como uma videira, me sufocando a vida toda.

— Mas você ainda está com raiva por que... - Ela tentou se afastar dele, mas ele tirou sua mão esquerda do bolso e agarrou-a. A puxou tão rapidamente contra ele, que ela não teve tempo de reagir e quando se viu apertada contra ele, a dureza de sua ereção fez seus joelhos amolecerem.

— Até onde você teria ido com esta farsa, Chastain Neff? – ele perguntou, colando os lábios em seu ouvido, enquanto falava. O calor de sua respiração enviou uma onda de prazer em seu ventre. Ele cheirava a canela e ao vinho inebriante que tinham consumido.

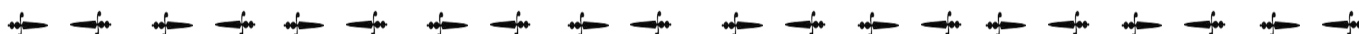
— Eu estava bêbado como um gambá enquanto eu vagueava por aquele maldito mercado barulhento esta tarde. Mal conseguia colocar um pé na frente do outro, mas eu queria encontrar um xale para presentear você, como uma oferta de paz.

— Eu estou agradecida...

— Eu me senti mal, mulher – disse ele entre dentes – achando que eu tivesse agido como um garoto atrevido e queria pedir desculpas!

— Não foi...

— Imagine o meu choque ao saber que tinha sido contratada por minha mãe para me seduzir. Eu poderia estrangular você por isso!





Suas mãos agarraram a garganta de Chas, mas ela não fez nenhum movimento para impedi-lo. Com seu treinamento altamente especializado, seria relativamente fácil quebrar seu braço, mas ela relaxou contra ele, oferecendo-lhe o pescoço como um sacrifício. Ele olhou dentro de seus olhos semi cerrados, os lábios entreabertos e se perdeu. Abaixando a cabeça, roçou em sua boca, passando a língua sobre seus lábios para sentir sua doçura.

Os braços de Chas passaram por sua cintura, puxando-o para ela enquanto as mãos deles deslizavam até as bochechas. Ele segurou sua cabeça com firmeza, inclinou-a para esquerda e beijou sua boca. Ninguém viu o príncipe e a Guardiã Riezell escorregar para a grama orvalhada da noite. Ninguém o viu deitar-se por cima dela. Ninguém ouviu os suspiros de prazer nem as suaves mãos que se insinuavam sob as camadas de saia e no pêlo encaracolado dentro da camisa branca. Os dedos de Ruan acariciaram as coxas macias de Chas, as unhas correndo levemente ao longo de sua carne. Os dedos dela estavam entrelaçados nos pêlos de seu peito, suas mãos presas entre os dois corpos.

— Eu soube no momento em que coloquei os olhos em você, que seria minha. – Disse ele quando deslizou os lábios pelo seu queixo e na depressão de sua garganta – Que a Deusa me ajude, mas você é a única mulher que eu quero e preciso.

Ela puxou suas mãos e rodeou sua cintura, deliciando-se com a sensação de seu peso deitado em cima dela. Sua mão estava entre sua coxa, o calor dela pressionado contra seu centro de prazer, a ponta de seus dedos sondando seu ânus através do tecido de sua calcinha.

— O seu toque me acende – ela sussurrou suavemente e afundou os dentes em sua garganta.

— O seu igualmente – ele reconheceu. Mais uma vez ele capturou sua boca e quando fez isso, seus dedos deslizaram para dentro de sua calcinha e para dentro dela. Chas gemeu, aprisionada. Seus dedos entraram levemente dentro dela, primeiro um e depois dois. Seu polegar acariciou seu clitóris, até que ela não pôde fazer mais nada além de enrolar suas pernas em torno de seus quadris, implorando para ele ir mais fundo.

Chas não era ingênua no sexo, mas tudo que este homem lindo estava fazendo com ela, era uma descoberta nova e deliciosa. Não havia nada de suave na maneira possessiva que ele fazia amor. Seus dedos eram conhecedores e quando eles foram mais fundo dentro dela, Chas sentiu como se fosse explodir em milhões de pedaços. Quando ele retirou os dedos, ela gritou em protesto.

— Devagar, moça. – Ruan disse, sua voz urgente – Eu não vou fazer você esperar.

Onde a imaginação limitada de Daniel Brock parava, a de Ruan Cosaint apenas acelerava. Seus dedos se fecharam na lateral da calcinha de Chas e puxou, rasgando o tecido de seda facilmente, como se fosse um papel. Aqui estava seu corsário ousado! Chas teve este pensamento quando sentiu Ruan se atrapalhando com os botões de suas calças. Seu pênis muito duro tinha sido pressionado dolorosamente contra sua coxa direita, deixando-a ligeiramente úmida ao saber que ele estava tão excitado quanto ela.





Ele havia empurrado suas saias acima de sua cintura e o ar da noite soprava pelos seus quadris e coxas nuas como um frescor que cristalizava sua carne. A parte traseira de sua mão era quente em sua pele e, quando ele moveu-se em cima dela, ela prendeu a respiração com a suavidade com que seu pau aveludado cutucava sua vagina.

— Eu quero você. – Ele disse e tomou sua boca mais uma vez, os dentes mordiscando seu lábio superior.

— Então me tome. – Ela exigiu, arqueando seus quadris para cima. A risada baixa de Ruan foi realçada com o calor de sua mão posicionando seu pênis na entrada de sua vagina. Quando ele passou a cabeça em seu clitóris e, em seguida, empurrou profundamente dentro dela e segurou-a, ela agarrou suas costas, rasgando o delicado tecido de sua camisa.

Suas estocadas eram tão intensas e autoritárias como o próprio homem. Seu pau foi duro e pesado, deslizando dentro dela com firmeza, com uma força que deixou Chas ofegante de desejo. Ele se retirou até a ponta e empurrou mais e mais. Ela agarrou seu ombro, afundando as unhas em suas costas enquanto ele a cavalgava. O barulho ecoou na noite quando ele bateu o corpo contra o dela em um frenesi que deixou ambos ofegantes, próximos de um clímax indescritível, diferente de tudo que eles já haviam experimentado até agora.

E quando esse clímax veio, ele deslizou sua mão quente para dentro de seu corpete, para moldar seu seio. Suas pernas estavam tão enroladas em torno dele, que ele mal podia se mexer. Então os dois explodiram em harmonia, em um coro de gemidos. A cabeça de Ruan foi jogada para trás quando ele anunciou ao mundo a posse de sua mulher. Com um último tremor, um último aperto de músculos, com uma última pulsação de seu esperma, Ruan desabou em cima dela, cansado e abalado.

Aqui, pensou ele, enquanto rolava de cima dela e a puxava para seus braços, estava a mulher que ele havia procurado por toda a sua vida. Aqui estava a mulher sedutora que ele tinha certeza que nunca precisaria fugir. Aqui estava a mulher que poderia prendê-lo com seu temperamento formidável. Aqui estava sua Lady e não havia nenhuma dúvida sobre isso.

CAPÍTULO SETE

A manhã encontrou os amantes deitados lado a lado na cama de Ruan. Seus dedos estavam entrelaçados em cima de seu peito nu, a cabeça de Chas repousava em seu ombro, a perna jogada possessivamente sobre a dele.

— Eu odeio admitir, mas desta vez minha mãe estava certa – disse ele bocejando, pois não dormira muito na noite passada.





— Eu me questionava, mas não há nenhuma dúvida de que fomos feitos um para o outro – admitiu – Eu soube disso desde o momento que você me tocou pela primeira vez.

Nenhum deles ouviu o clique da fechadura, pois estavam conversando em voz baixa, fazendo planos para uma vida em que estavam ansiosos para compartilhar um com o outro. O bater macio de uma bota contra o carpete não foi ouvido pelos amantes. O assassino estava em cima deles antes que Ruan pudesse reagir. A espada do príncipe, a arma letal que poderia cortar a cabeça de seu oponente em um momento, sem nenhum derramamento de sangue, estava do outro lado do quarto, fora de seu alcance. Os olhos de Chas se arregalaram quando a sombra do assassino caiu sobre a cama. Ela se moveu como um gato, atirando-se sobre Ruan quando a lâmina do assassino desceu sobre ele, esfaqueando seu ombro direito ao invés do coração do príncipe.

Ruan olhou nos olhos do assassino e deslizou rapidamente para fora da cama. Quando o homem puxou a faca do corpo de Chas, o príncipe já estava de posse de sua própria lâmina e pulou para frente, aparando o golpe em um impulso. Lutando para levantar-se, Chas gemeu quando uma dor feroz a envolveu. O lado direito de seu corpo estava em chamas e ela estava surpresa que seu sangue não estava espalhando-se como uma poça abaixo dela. Mal conseguia respirar. Ela podia ouvir as faíscas das espadas, mas não conseguia se virar. Como um trovão de pés correndo, sentiu a agonia engolfá-la e fechou os olhos, afundando na inconsciência.



— Ela não morrerá, Sua Graça – o místico disse, jogando as runas mais uma vez, por insistência do príncipe – Vocês foram feitos para ser um conjunto, destinados a tornarem-se Rei e Rainha de Gaelach.

— Então porque ela não acorda? – Ruan exigiu, passando as mãos pelos cabelos já despenteados. Ele parou e olhou para o místico – Já se passou uma semana e ela não melhora!

— Ela vai se curar, Ruan – sua mãe lembrou-lhe – O dochtúirs lhe garantiu.

Ruan cobriu o rosto com as mãos.

— Eu não posso suportar isso!

— Ela está descansando tranquilamente, rapaz – disse o Rei Declan a seu filho – Não há febre e a ferida não está infeccionada.

— Graças a Deusa que o assassino usou uma espada Taibhsean – a Rainha Annalyn – Pelo menos a ferida foi cauterizada e ela não perdeu sangue.





— E eu vou ser grato ao filho da puta que usou uma arma de minha Ordem na mulher que eu amo?! – gritou ele. O Rei e a Rainha trocaram um olhar. Foi a primeira vez que seu filho mencionou a palavra “amor”. Embora tivesse ficado ao lado da cama de Chastain Neff de manhã até a noite, desenrolar um catre e colocar ao lado da cama dela e se recusar a sair do quarto, ele não havia declarado seus sentimentos à mulher inconsciente.

— Se a lâmina que a atingiu fosse comum Ruan, ela poderia ter sangrado até a morte – disse seu pai. Ruan caiu de costas contra a parede.

— Eu não posso suportar a idéia de perdê-la. – disse ele.

— Você não vai perdê-la. – O místico assegurou-lhe – por minha honra como místico, eu juro a você que sua mulher vai estar ao seu lado por muitas décadas.

Muito tarde da noite, Ruan sentou ao lado da cama de Chas e segurou sua mão pálida. Ele acariciou seus dedos longos e delicados e levou as pontas até sua boca para beijá-los suavemente. Ele falou com ela na Língua Velha, murmurou com uma voz muito agradável, cantando para ela as lendas de sua casa ancestral. Suas roupas estavam desganhadas, pois tinha dormido com elas duas noites seguidas. Apenas uma vez, desde que tinha trazido Chas para Sciath, ele tinha permitido que sua mãe o intimidasse para tomar um banho. Mesmo se tivesse oportunidade, ele não faria isso. Agora, ele podia sentir o cheiro de seu suor e, embora irritado e envergonhado, ele estava relutante em deixar o quarto onde sua mulher estava tão quieta e imóvel.

Ele esticou suas longas pernas na cama, apoiou seu cotovelo no colchão, sua mão segurando a de Chas, pensou novamente no homem que ele tinha matado com ferocidade, mesmo com medo dele. Ele tinha lutado com o furor de um velho guerreiro nórdico, golpeando e atacando com uma força de aço que cortou os membros de seu adversário em um frenesi de morte que deixou as partes de seu corpo desordenadas pelo chão. Vagamente se lembrava de ver o horror nos rostos de Patrick Murphy e seus guardas, enquanto Ruan cortava o atacante de Chas em nada mais que pedaços de carne chamuscada. Repetidamente ele tinha cortado o corpo, separando a cabeça do tronco, braços do peito e em seguida espalhou as partes como se fossem confetes em um casamento. Seu ataque tinha sido tão furioso, que foi necessário Patrick e mais dois de seus homens para segurar o príncipe enlouquecido, deitando-o no chão como um veado pronto para ser abatido. Embora ele tivesse gritado com fúria, ameaçado todos com morte e prisão eterna, eles haviam conseguido trazê-lo de volta a sua sanidade.

Correndo para a cama, encontrou Chas em coma e lutando para respirar. Ruan tinha jogado sua cabeça para trás e gritado como seus antepassados. Ele não tinha sequer sentido o punho da espada de Patrick batendo contra sua cabeça, para torná-lo inconsciente. Ruan havia descoberto mais tarde, que Patrick havia se encarregado do envio de um dochtúir para tratar Chas. Tinha sido Patrick que havia arranjado um navio de volta para Sciath, pois achou que o deserto seria a rota mais longa e poderia causar a morte da jovem mulher. Tinha sido Patrick a insistir ao dochtúir que administrasse um sonífero no jovem príncipe para mantê-lo desacordado durante a viagem.





E era Patrick que, até agora, mantinha guarda no lado de fora da porta de Chas, para garantir que nenhum outro dano aconteceria à mulher que seu príncipe havia reivindicado como sua. O dia amanhecia em Sciath, o nono de convalescença de Chastain Neff. Um raio lampejou à distância e o barulho sinistro de um trovão sacudiu as paredes de pedra. Uma leve névoa de chuva arranhava a janela, pedindo para entrar. Foi o clarão de um raio que acordou Ruan.

Ele se sentou na cadeira, todos os músculos de seu corpo estavam doloridos, pela posição em que ele estava. Ela passou a mão pelo queixo barbudo e estremeceu com o cheiro do próprio corpo. Ele odiava estar desganhado, mas gostava da aspereza da barba que ele nunca havia deixado crescer. Virando os olhos para Chas, viu que ela continuava dormindo e suspirou. Tocando sua mão, ele exalou um longo suspiro e lentamente levantou. Ele colocou as mãos na parte de baixo de suas costas, espreguiçando-se e sentiu o protesto dos músculos. Ele suspirou novamente e caminhou até a janela, onde um relâmpago cruzava o céu com rapidez crescente. Um trovão respondeu ao forte estalo do relâmpago, quando ele afastou as cortinas pesadas com a costa da mão.

O dia estava triste e cinza, como convinha uma tempestade, tão atípica de Gaelach nesta época do ano. Os campos tinham quarenta tons de verde por causa dessas chuvas sazonais. Apesar do fato de que as tempestades letais rugiam ao longo da costa, os Gaelachúans amavam a chuva e se deliciavam com as tempestades selvagens que poderiam desabar tão rapidamente para reivindicar uma vida.

Ruan empurrou as cortinas para o lado, para que pudesse ter uma visão melhor da tempestade e pudesse sentir o delicioso frescor da chuva em seu rosto. Ele fechou os olhos, respirando o cheiro de ozônio e o doce cheiro de chuva, lavando a terra fértil e poeirenta. Ele abaixou a cabeça, o flash da tempestade violenta iluminando desde o cabelo despenteado até a camisa chuva, que estava solta, por cima das calças. Seus pés descalços estavam frios, sobre uma poça de água da chuva, que pingava pelo peitoril da janela, mas ele não se importava. Não podia haver nada mais frio que seu coração e se esforçou para não pensar em perder Chastain. Ela era para ser dele, ele pensou, quando a chuva caiu sobre seu cabelo e escorreu por uma mecha, parando em sua testa. Apoiou as mãos na janela, não dando importância para a umidade que caía sobre ele.

— Em outra vida. – O místico lhe dissera — Vocês eram deuses para o seu povo. Aonde você ia, sua senhora o seguia, até mesmo no abismo do inferno. Um filho seu cresceu em sua barriga e ela desejava que você o visse nascer.

Lendas antigas, Ruan pensou quando abriu os olhos e levantou a cabeça. O místico tinha contado lendas tão antigas, que não haviam se perdido na mente dos anciões. Ele tinha sido príncipe desde sempre, de contos mais variados, de terras de nomes Airibis, que rolaram de sua língua como seixos caindo de uma montanha.

— Ela será sempre sua e você, sempre dela. Suas vidas estarão sempre interligadas e de uma geração para a outra, ela protegerá você tão diligentemente quanto você a amará. - Ruan sentiu uma mão em seu ombro e seu coração disparou. Não havia necessidade de olhar para





trás para saber que o leve toque era de sua mulher, que chamava sua atenção. Ele estendeu a mão direita sobre o peito para tocar na mão dela e a apertou suavemente.

— Como está seu pulso, milorde? – perguntou ela e ele podia ouvir a fraqueza em sua voz doce.

— Ele lateja um pouco com esta chuva, mas tirando isso, está bom – ele respondeu, deleitando-se em ser capaz de falar com ela novamente e reconhecer que tudo ficaria bem a partir de agora – Minhas costas estão feridas, o entanto.

Ele se virou para ela, seus olhos percorrendo suas feições pálidas, passando pela dor que podia ver em seus lindos olhos verdes e isso o feriu profundamente. Seu rosto estava corado, o que era bom, ele pensou. Nenhuma febre era sentida em seu lindo corpo. Ele colocou seus dedos em sua face.

— Como se sente milady? – Ele perguntou, em voz baixa.

— Dolorida, mas bem o suficiente, milorde. – Ela respondeu, virando o rosto para que pudesse beijar sua mão. Suavemente e com infinito cuidado, ele colocou os braços em volta dela e a puxou para ele. Seu coração estava trovejando no peito, coincidindo com a cadência da tempestade turbulenta que caía.

— Se eu tivesse perdido você... – Ele falou e parou ao sentir as lágrimas fechando sua garganta.

— Eu estou aqui, amado. – Respondeu ela – Onde eu estava destinada a estar.

Ele suspendeu seus joelhos e balançou-a em seus braços, levando-a para a cama. Colocando um joelho no colchão, ele a deitou delicadamente sobre a coberta e, em seguida, deitou-se ao seu lado. Lá fora, a tempestade ficou mais alta e chuva açoitava as janelas. O quarto tinha ficado quente e abafado e ele sentou-se tempo suficiente para tirar a camisa pela cabeça e atirá-la no chão. Ele deitou novamente e, por um longo tempo, simplesmente a abraçou, sentindo seu corpo frágil pressionado junto ao dele. Havia uma resistência de ferro nessa mulher, mas ela era sua, para protegê-la e mantê-la segura, aquecida e satisfeita. Acalentou-a como uma criança em seus braços.

— Ruan? – Chas perguntou baixinho.

— Sim.

— Eu sinto como se estivesse precisando de uma boa foda. - O príncipe ergueu a cabeça e olhou para sua dama. Ele estreitou os olhos.

— Eu achei que você não gostasse dessa palavra.





— Eu não gosto, – Disse ela, encolhendo os ombros – mas algumas vezes é o que uma mulher precisa.

Ele olhou para ela por um longo momento.

— Você está bem o suficiente para tal exercício, milady?

— Estou. – Ela passou o dedo por seu peito nu e peludo, baixou até o umbigo, circulou-o com a ponta do dedo e depois enfiou as mãos sob o cós de sua calça, direto nos caracóis de cachos acima de seu pênis. Ruan estremeceu quando seus dedos o rodearam.

— Uma boa foda, hein? – perguntou ele, e olhou para baixo onde seu pênis já estava duro, pedindo atenção.

— Uma boa foda, acredito que foi o que eu disse. – Sublinhou Chas – À maneira de um corsário de antigamente.

A sobancelha esquerda de Ruan arqueou-se para cima.

— Um corsário?

— Sim – respondeu Chas – Um corsário ousado e descarado que me capturou e me levou a bordo de seu navio, para ser violada, devastada e habilmente saciada.

— Eu não tenho certeza que violada, devastada e habilmente saciada sejam uma idéia tão boa, moça – disse ele.

— Bem, se você não se sente à altura do desafio... - Ele levantou e empurrou suas costas, prendendo sua mão em seu pênis.

— Tenha cuidado com seus insultos, moça – ele alertou. Chas fingiu estremeecer.

— Oh, por favor, capitão! – ela engasgou – Eu sou apenas uma donzela inexperiente. Eu nunca tive um homem. Por favor, estou apenas me guardando para o meu noivo, Senhor Rufus!

— Rufus? – Ruan perguntou com um bufar – Um amante louco faria de tudo para tê-la!

Chas empurrou levemente o peito largo para cima com uma mão, enquanto a outra estava fechada em torno do pênis duro do príncipe.

— Por favor, não me viole, capitão! Por favor! - Ruan contraiu os lábios.

— Ah, mas existem vários tipos de violação, moça. – disse ele numa voz rouca – Antes de tudo terminar, você estará implorando!





Descendo uma mão, para tirar a dela de entre seus corpos, Ruan esticou seus braços para cima, prendendo-os ao lado de sua cabeça. Então baixou a cabeça e reivindicou seus lábios, a língua empurrando fundo dentro de sua boca doce. Chas se contorceu debaixo dele, certificando-se que sua coxa esfregasse contra sua ereção dura. Quando seus lábios deslizaram, com uma chuva de beijos quentes em sua garganta, ela virou a cabeça.

— Ai de mim! – ela chorou – Oh, ai de mim! Estou sendo violentada!

Ruan jogou a cabeça para trás e deu uma risada estranha, interpretando um vilão muito mal, antes de deslizar seu corpo para baixo, até que pudesse pressionar a boca sobre um mamilo escuro, escondido atrás do linho da camisola. Chupou os bicos eretos através do tecido, fechando gentilmente os dentes sobre eles. Chas pulou embaixo dele, pressionando o peito para mais perto de sua boca. A sensação do tecido molhado e a pressão de seus dentes estavam provocando arrepios por todo seu corpo. Como sua língua chicoteava rapidamente, ela não pôde deixar que um gemido de prazer escapasse. Ruan soltou seus braços e sentou-se. Colocou as mãos para o corpete de sua camisola e rasgou o tecido do decote até a cintura, liberando seus seios exuberantes.

— Oh – Chas gritou e pôs as mãos nos ombros largos, numa tentativa de afastá-lo – Me largue seu monstro!

Ruan afastou-se dela apenas o suficiente para rasgar toda a camisola, de cima a baixo e, em seguida, puxou por baixo de seu corpo. Chas ficou deitada, os olhos quentes e cheios de fome, satisfeita de como seu amante rasgou a camisola em tiras. Ela estendeu a língua e molhou os lábios, o que fez com que Ruan rosnasse baixo, seu olhar não desviando de sua boca. Primeiro, o pulso direito foi enrolado com uma tira da camisola rasgada. Esticando o braço dela para o topo da cama, amarrou-a na cabeceira.

— Não, não... – Chas protestou fracamente, tentando acertá-lo em seu bíceps direito com o punho fechado, mas ele capturou a mão dela e antes que ela pudesse dizer outra negação, tinha amarrado seu pulso esquerdo na cabeceira da cama. Debilmente, ela tentou chutá-lo, mas ele conseguiu segurar seus tornozelos rapidamente. Ela se debatia, virando a cabeça de um lado para o outro sobre o travesseiro e fingindo chorar.

— Rufus, hein? – Ruan rosnou, suas mãos indo para os botões da braguilha.

— Ele vai me vingar! – Chas pronunciou.

— Como? Quando seu janota conhecer a morte através da minha lâmina? – seu saqueador perguntou com um sorriso mal. Baixando suas calcinhas pelos quadris, ele levantou, exibindo sua ereção para os olhos de sua mulher.

— Agora, isto é uma espada, sua meretriz! – ele se gabou.





Lentamente, muito lentamente, ele colocou o joelho sobre a cama e jogou uma perna por cima dos quadris de Chas. Ele sentou-se delicadamente, seu pênis roçando ao longo de seu ventre e uma gota de seu sêmen escorreu em sua carne. Chas fechou os olhos e virou a cabeça. Ela lutava contra os laços que seguravam seus pulsos, contorcendo-se sensualmente sobre os lençóis desalinhados. Ruan inclinou-se para colocar as mãos em seus seios e começou a massageá-los firmemente. Ele correu o polegar sobre os bicos, arranhando, com a unha de seus dedos indicadores, deixando-os duros, como rochas, para em seguida apertá-los e rolá-los entre os dedos.

— Não, por favor! – Chas implorou.

— Diga mais uma palavra, moça, e eu a jogarei para meus homens quando me fartar de você! – Ruan advertiu com uma voz rouca, sentando-se – Eles também a querem.

Chas colocou os lábios entre os dentes e estremeceu. As mãos dele desceram por sua barriga, um dedo mergulhando em seu umbigo. Chas gemeu e ele sorriu. Ele baixou a mão livre para o meio de suas coxas e virando a palma da mão para cima enfiou os dedos indicador e médio profundamente em sua buceta. Seu polegar roçou o clitóris dela e quando ela gritou, ele sorriu sem piedade.

— Eu vou fazer você esquecer o janota do Senhor Rufus – jurou e moveu seus dedos dentro e fora dela com um golpe certo.

— Senhor o que? – ela perguntou com uma risadinha. Seus dedos deslizavam facilmente dentro dela com um ritmo que deixava Chas se contorcendo. Ela levantou seus quadris, os calcanhares apoiados no colchão enquanto procurava elevar seus quadris para o tormento delicioso que ele provocava.

— Eu vou amarrá-la ao mastro e cada homem a bordo vai mamar seus seios. – Ele disse e se inclinou para capturar um mamilo duro entre os lábios, chupando os bicos sensíveis em sua boca quente, com seu pau duro roçando por sua coxa. Chas foi se perdendo rapidamente com a pressão deliciosa na sua buceta. Seus dedos estavam tocando-a como um músico experiente com seu instrumento, mas ela queria algo mais que aqueles dedos deslizando dentro e fora dela. Ruan sentiu a necessidade de sua mulher e puxou os dedos.

— Você me quer, meretriz? – ele perguntou com um grunhido, uma voz baixa e rude – Você quer o meu pau duro dentro de você?

— Sim, milorde – disse Chas, ofegante.

— Bem, você vai ter que esperar – ele retrucou.





Chas começou a protestar, mas seu amante deslizou na cama, pairando sobre ela e onde seus dedos estavam tocando anteriormente. Então ela sentiu seus lábios e sua língua invasora. Ela gemeu quando a umidade quente pincelou seu clitóris repetidamente.

— Ruan! – ela chorou. Ele ergueu a cabeça.

— Você se atreve a chamar outro amante enquanto estou fodendo você, moça?

— Não! – disse ela – É só que eu...

— Cale a boca ou eu vou amordaçá-la! – ele advertiu – A boca de uma mulher é boa apenas para uma coisa e nós vamos chegar a isso em breve.

Um arrepio de prazer ondulou pelo corpo de Chas e um gemido longo e profundo saiu de sua boca, quando ele continuou chupando sua buceta e tocando seu ânus com seus dedos duros. Ruan sabia que sua mulher estava se aproximando de um ponto onde ele não poderia controlar as sensações que se agitavam dentro dela. Ele puxou seus dedos e deitou em cima dela, fixando seu pau entre suas pernas.

— Eu vou fuder você, moça! – ele gargalhou.

Em segundos já estava dentro dela, seu pau latejante entrando profundamente. Suas mãos estavam em sua cintura, levantando-a para que suas estocadas deslizassem em sua umidade. Com seus dedos apertando sua bunda, ele a trouxe para ele, empurrando tão forte e rapidamente, que quase a matou de prazer. Chas sentiu o início de um desejo ardente dentro dela e se arqueou, jogando a cabeça para trás, dando—se sem pudor nenhum. Seu pau estava tão duro, como aço temperado e seu guerreiro estava empunhando sua arma deliciosa com a perícia de um mestre.

Com seu clímax a atingindo como a erupção de um vulcão, que a fez lançar um grito de realização, ela sentiu o gozo dele chegando. Longo, duro e abundante, o clímax dele chegou com uma última estocada dentro dela. Ele caiu sobre ela, mole e enterrou o rosto na curva de seu pescoço úmido. Eles ficaram ofegantes, tentando acalmar as respirações ofegantes. Os dedos da mão direita de Ruan estavam em seu braço esquerdo, acariciando gentilmente a parte inferior do cotovelo até a axila, desenhando preguiçosamente o número oito.

— Será que você ainda vai me entregar à sua tripulação, Capitão Atrevido? – ela perguntou suavemente.

— Não, moça – ele negou – Ninguém vai tocar você a não ser este corsário! Chas fechou os olhos, descansou o queixo na parte de trás de sua cabeça e suspirou.





— O que você acha de um casamento de primavera? – questionou.

— Acho legal. Você conhece alguém que casará na primavera? – ela rebateu.

— Eu pensei, talvez, eu e você. - Ela o empurrou e olhou em seus olhos.

— Bem, se é do nosso casamento que está falando, eu prefiro o verão – ela admitiu – Por causa do solstício.

— Soa como um momento auspicioso para mim – ele falou, balançando a cabeça.

— Há, no entanto, algumas pequenas coisas que podem impedir este casamento – disse ela.

— E essas pequenas coisas seriam exatamente o quê? – Ruan perguntou, franzindo o cenho.

— Não se pode ter uma lua-de-mel antes do casamento! – disse ela, com firmeza. O príncipe gemeu, mas acenou, com uma relutante concordância.

— O que mais? – ele perguntou.

— O noivo não pediu a noiva para ser sua esposa. Você não acha que ele deveria pedir?

Um sorriso lento ondulou no bonito rosto de Ruan Cosaint e ele soltou sua mulher. Com uma graça viril, caiu sobre um dos joelhos, diante dela, pegou sua mão, beijou de maneira cavalheiresca e depois colocou a palma de sua mão sobre o seu coração.

— Milady Chastain – ele disse, com os olhos nos dela – A senhorita me daria a honra de se tornar minha esposa?

— Com o maior prazer, Milorde Ruan.

— Bom, então... - Chas colocou a palma da mão livre em sua bochecha.

— E o que seria agora, milady? – perguntou uma carranca se formando no rosto do príncipe.

— Você precisa tomar um longo banho quente – ela disse, franzindo o nariz – Você está fedendo! - Ruan baixou a mão, até a protuberância em suas calças.

— Me parece que seria melhor um longo banho frio, não é?

— Talvez, contanto que você prepare um longo e quente para mim... – Chas sorriu.

FIM



